FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

LARA STEIN POLEZ

O MERCADO MUNICIPAL NO CONTEXTO DA EVOLUÇÃO E URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE COLATINA - ES

ARACRUZ - ES
2018

LARA STEIN POLEZ

O MERCADO MUNICIPAL NO CONTEXTO DA EVOLUÇÃO E URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE COLATINA – ES

Trabalho final de graduação apresentado ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo das Faculdades Integradas de Aracruz – FAACZ, como requisito a obtenção do título de bacharelado em Arquitetura e Urbanismo.

Prof. Orientadora: Kamilla Zamborlini Waldetario

ARACRUZ - ES
2018

LARA STEIN POLEZ

O MERCADO MUNICIPAL NO CONTEXTO DA EVOLUÇÃO E URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE COLATINA - ES

Trabalho Final de Graduação apresentado ao curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, das Faculdades Integradas de Aracruz - FAACZ como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____
Kamilla Zamborlini Waldetario
Prof. Orientador
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Gilton Luis Ferreira
Prof. Convidado
Faculdades Integradas de Aracruz

_____
Francisco Hermes Lopes
Convidado Externo
Engenheiro Civil

Aracruz, _____ de _____ de 2018.

A Deus, por permitir que eu chegasse até aqui, por me dar forças e me proteger nos momentos mais difíceis.
A minha mãe, meu exemplo de vida, por ter me incentivado e acreditado no meu sonho, por estar comigo em todos os momentos, desde o inicio até o sempre.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, sempre em primeiro lugar, pela oportunidade, por me permitir ter forças para concretizar este sonho, me dando firmeza para tomar minhas decisões e não me desamparando nos momentos difíceis.

A minha mãe Maria Enedina e meu padrasto Antônio Augusto, por sempre me apoiar e estarem presentes quando eu mais precisei, por abdicarem alguns sonhos para que eu realizasse o meu, me incentivando e acreditando que eu seria capaz.

As minhas irmãs Natália e Amanda, por serem meus exemplos de profissionais e por demonstrarem tamanha amizade e amor para comigo.

Ao meu sobrinho Lucas, por ter dado um novo sentido a nossas vidas, e com seu sorriso sincero me faz ser cada vez mais forte e nunca pensar em desistir.

A Judson Penitente, por fazer parte deste momento tão especial em minha vida, estando sempre ao meu lado e me incentivando para que eu alcance a realização deste sonho.

A toda minha família, por me incentivar e sonhar junto comigo.

Aos meus amigos, que por muitas vezes sentiram minha ausência e mesmo assim depositaram todo seu amor e amizade em mim. Agradeço por contribuírem para que essa realização fosse possível, em especial a Angélica Polez, Elyken Mendonça, Glaucia Mello, Emilly Lyrio, Douglas Ferreira da Cruz e Allan Ferrari.

“A gente tem que sonhar, senão as coisas não acontecem.”

Oscar Niemeyer

RESUMO

O estudo preliminar arquitetônico de um mercado municipal para a cidade de Colatina/ES é o principal objetivo deste trabalho de graduação. Através de estudos realizados sobre outros mercados já consolidados, aprimoraram-se os conhecimentos sobre esta tipologia de edificação. A ideia principal para elaboração desta proposta se baseou na demanda do comércio local, visto que a cidade é conhecida por ser um importante polo mercantil para o estado. Sendo assim, um mercado traria à cidade um novo modelo de comercialização, proporcionando um avanço neste âmbito de negociações e vendas, além de trazer outros benefícios para o município. Para isto, a idealização se deu por meio da criação de um projeto inserido em uma das praças mais importantes da cidade, buscando aproximar o comércio e o lazer para os frequentadores locais. Para se chegar ao objetivo, a estrutura proposta visa a interação social da Praça Sol Poente com o interior da edificação através de elementos que permitam essa comunicação entre as partes. O desafio foi não prejudicar as atividades realizadas na Praça Sol Poente, mas sim complementar seus usos através deste novo espaço público.

Palavras-chave: Mercado; Interação social; Praça; Espaço público.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Planta do Mercado de *Segundo Tipo* 21

Figura 02 – Mercado Público da Candelária 22

Figura 03 – Vista aérea dos Pavilhões do Mercado Público de Les Halles de Paris, em 1863. 23

Figura 04 – Mercado Público de São Carlos, em 1907 24

Figura 05 – Mercado Central de Berlim, em 1896 26

Figura 06 – Construção do Mercado Municipal de São Paulo 28

Figura 07 – Mercado Municipal de São Paulo 29

Figura 08 – Vitrais 30

Figura 09 – Vista do mezanino 31

Figura 10 – Mercado Central de Belo Horizonte 32

Figura 11 – Feira Hippie de Belo Horizonte 33

Figura 12 – Primeiro Mercado Público Municipal de Florianópolis 35

Figura 13 – Atual Mercado Público Municipal de Florianópolis 36

Figura 14 – Localização de Colatina 38

Figura 15 – Feira de Artesanatos 39

Figura 16 – Praça do Sol Poente 40

Figura 17 – Antiga Feira Livre 41

Figura 18 – Atual Feira Livre, na Av. Delta 41

Figura 19 – Croqui ventilação cruzada 41

Figura 20 – Detalhe cobertura roll-on 41

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Quadra esportiva na Praça 40

Foto 02 – Entrada do Mercado.....43

Foto 03 – Estrutura do Mercado.....43

Foto 04 – Bancas de verdura 44

Foto 05 – Demolição do prédio do Ministério Público em Colatina 45

Foto 06 – Edificação de uso misto 47

Foto 07 – Hospital Silvio Avidos.....48

Foto 08 – Via Arterial.....49

Foto 09 – Via coletora (Av. Luiz Dalla Bernardina).....49

Foto 10 – Faixa de pedestre em via de grande fluxo 52

Foto 11 – Estacionamento público em via de grande circulação.....52

Foto 12 – Calçada sem acessibilidade.....53

Foto 13 – Passeio da Praça Sol Poente.....53

Foto 14 – Arborização às margens do Rio Doce.....55

Foto 15 – Arborização na Praça Sol Poente 55

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Organograma do Mercado Municipal 59

Imagem 02 – Fluxograma do Mercado Municipal.....60

Imagem 03 – Implantação do Mercado Municipal 62

Imagem 04 – Perspectiva do Mercado Municipal.....63

Imagem 05 – Croqui fachada principal.....64

Imagem 06 – Implantação.....65

Imagem 07 – Croqui praça interna.....66

Imagem 08 – Planta baixa térreo 67

Imagem 09 – Perspectiva boxe para produtos alimentícios 68

Imagem 10 – Perspectiva ilha 68

Imagem 11 – Planta primeiro pavimento.....70

Imagem 12 – Cortes.....71

Imagem 13 – Fachada Sul 72

Imagem 14 – Fachada Oeste.....72

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Vista aérea com a localização do terreno.....44

Mapa 02 – Cheios e Vazios 46

Mapa 03 – Uso e ocupação do solo 47

Mapa 04 – Hierarquia Viária e Nós Viários 50

Mapa 05 – Fluxos.....51

Mapa 06 – Meio Ambiente 54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **13**

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 16
2.1 O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES E A CONSOLIDAÇÃO DOS MERCADOS 16
2.2 TIPOLOGIAS CONSTRUTUVAS DE MERCADOS 19
2.2.1 Mercado fechado com pátio interno aberto **20**
2.2.2 Mercado coberto em estrutura de ferro **22**
2.2.3 Mercado coberto com torrões laterais **25**

3 ESTUDOS DE CASO 27
3.1 MERCADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO 27
3.2 MERCADO CENTRAL DE BELO HORIZONTE 31
3.3 MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS 34
3.4 ANÁLISE COMPARATIVA 37

4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL 38
4.1 A CIDADE DE COLATINA 38
4.1.1 A Praça Sol Poente **39**
4.1.2 O Mercado Municipal de Colatina **42**
4.2 LOCAL DA INTERVENÇÃO 44
4.3 HIERARQUIA VIÁRIA 49
4.4 FLUXOS 51
4.5 MEIO AMBIENTE 54

5 DIRETRIZES PROJETUAIS 56
5.1 PARTIDO ARQUITETÔNICO 56
5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES 57
5.3 ORGANOGRAMA HIERÁRQUICO 58
5.4 FLUXOGRAMA 59

6 PROJETO 62
6.1 O CONCEITO 62
6.2 MEMORIAL DESCRITIVO DO PROJETO 64
6.1 ESTUDO VOLUMÉTRICO 75

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 77

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **78**
APÊNDICE **81**

1 INTRODUÇÃO

Colatina é um município brasileiro do estado do Espírito Santo, sendo uma das principais cidades do interior do estado e sua influência abrange também cidades do leste mineiro. A escolha de proposição de um mercado público para Colatina como objeto de estudo, partiu do interesse de intervir na melhoria e crescimento da cidade em questão, buscando abordar questões sociais e urbanísticas. A partir da análise do atual Mercado Municipal de Colatina, notou-se a necessidade de evidenciar este tipo de comércio, visto que, apesar de sua estrutura precária, os comerciantes e consumidores ainda optam pelo local para realizações de feiras livres e outros comércios. Além do mais, pretende-se nesta pesquisa, priorizar o incentivo da cultura comercial pública, visando resgatar hábitos históricos que se perderam com o passar dos anos.

Assim, para melhor entendimento do tema proposto, através de autores que já estudaram sobre mercados, faz-se necessário compreender o assunto em questão.

De acordo com NUNES (2016), em sua área de economia e ciências econômicas, mercado é designado como um local seja ele físico ou não, no qual a população, compradores e vendedores, se confrontam tentando estabelecer preços e quantidade de bens que pretendem combinar. Em outras palavras, esse termo pode ser entendido como o conjunto de consumidores de produto ou serviço oferecido por uma empresa.

Para SPÓSITO (2000), foi durante a Idade Média que o comércio começou a se regularizar e desenvolver, mudando o caráter de troca, a partir do momento que os comerciantes compravam mercadorias e as revendiam por um valor maior de dinheiro.

Como se refere AMORIM (2015), o varejo passa a estabelecer um setor de grande importância a partir da expansão dos mercados produtores e consumidores do século XIX. Neste período, era possível encontrar na França e nos Estados Unidos, lojas com cerca de 24 mil artigos disponíveis, com conceitos de autosserviço, ou seja, já existia o costume dos clientes se servirem de produtos dos quais desejavam e ao final se encaminhavam ao caixa para efetuar o pagamento. Ainda neste período, o varejo ganha conhecimento global.

Segundo PINTAUDI (2006), nas últimas décadas do século XIX, iniciou-se no Brasil um processo de industrialização, que teve seu primórdio na cidade de São

Paulo e foi sustentado pelo processo de acumulação das lavouras de café. Nesse momento, a cidade de São Paulo começa a se configurar. Nela, o primeiro mercado regular surgiu no século XVIII, a partir de construções simples, como “casinhas”, que eram direcionadas a vender produtos alimentícios não perecíveis como cereais e carnes, entre outros, e também as “quitandas”, que eram caracterizadas por pequenas barracas onde se vendiam produtos perecíveis, como legumes e frutas que demandavam um consumo imediato. Eram nesses locais que os produtores das redondezas vinham oferecer sua mercadoria.

Dessa forma, esta pesquisa justifica-se pelo fato de perceber uma necessidade de evolução urbanística na cidade de Colatina, onde com a criação de um mercado como espaço público proporcionaremos uma maior relevância cultural e social para o centro da cidade. A população colatinense carece de espaços onde possam realizar atividades rotineiras com maior segurança e também uma atratividade positiva, já que os espaços existentes no município não oferecem uma estrutura própria para esse tipo de comércio.

Percebe-se que, com o aumento da demanda, tanto no consumo quanto na produção, um mercado planejado se faz necessário. Em Colatina, o atual mercado municipal não traz incentivo para tal comercialização por sua estrutura ser pequena e precária e nele encontrarmos apenas alguns feirantes e lojas de vestuário infantil. A partir disso, surgem as seguintes questões: quais diretrizes serão necessárias para elaboração de um novo mercado para a cidade de Colatina, e como esse tipo de idealização pode contribuir para melhorar os aspectos urbanísticos e proporcionar um avanço no âmbito comercial da cidade?

Portanto, o objetivo geral do presente trabalho é estudar quais as diretrizes necessárias para nortear a elaboração de um mercado público municipal para Colatina, buscando relatar como essa proposta impulsiona o progresso urbanístico da cidade e possibilita a evolução do comércio local.

Para tanto, os objetivos específicos são:

- Revisar a literatura existente a cerca de Mercados Públicos no Brasil e no mundo;
- Analisar experiências projetuais de mercados públicos já implantados, que servirão de base para a elaboração do Mercado Público Municipal de Colatina;

- Realizar diagnóstico da área definida para concretização deste projeto;
- Definir diretrizes norteadoras para elaboração do projeto do mercado público;
- Elaborar proposição projetual do novo Mercado Municipal de Colatina.

A metodologia baseou-se em pesquisas bibliográficas em livros, artigos, monografias que falam sobre mercados públicos, além de estudos de caso de mercados existentes no Brasil e no mundo para melhor entendimento da proposta. Foram realizadas pesquisas de campo que resultaram em um diagnóstico da área a ser trabalhada no projeto, entrevistas com a população, pesquisas em fontes primárias como fotos antigas, reportagens, arquivos da prefeitura local, entre outros. Elaborou-se uma matriz de diretrizes prioritárias, e também, como produto final do projeto, utilizou-se de representação gráfica com imagens tridimensionais, baseadas nas diretrizes estabelecidas como referência.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na tentativa de entender como se dá a relação entre os mercados públicos e as cidades, foi proposta uma revisão bibliográfica a partir de autores que já pesquisaram e discutiram sobre o tema. Neste capítulo veremos essa relação, buscando entender os conceitos norteadores dessa pesquisa, como também um estudo das tipologias de mercado existente desde os anos passados até os dias de hoje.

2.1 O DESENVOLVIMENTO DAS CIDADES E A CONSOLIDAÇÃO DOS MERCADOS

De acordo com FAUSTINO (2010), foi na Mesopotâmia que surgiram as primeiras cidades. Algumas cidades, como Ur, que se localizava a aproximadamente 160 km da Babilônia, teriam aparecido há cinco mil anos, nas margens do Rio Eufrates. Conhecidas por ser o berço das civilizações, estas cidades eram ocupadas com o comércio e estoque de alimentos. Para GOUVÊA (p. 25, 2008, *apud* FAUSTINO, 2010), “a cidade foi se tornando o espaço perfeito não somente para trocas, atividades sociais, artísticas e religiosas, mas como um instrumento de controle social sem paralelo na história da humanidade”.

Segundo PINTAUDI (2006), de um modo geral, as cidades medievais no ocidente se caracterizavam por não possuir um lugar fixo para realizar a troca de produtos, que acabaram por se desenvolver por todas as ruas e praças. O fato de não existir lugar adequado para estas trocas dificultava a vida nas cidades, porque para FAUSTINO (2010), os espaços livres presentes no interior dessas cidades foram constituindo um dos principais problemas dessa época, pois as cidades não possuíam esgoto, sendo que o escoamento era feito através de valas que atravessavam as ruas, em céu aberto.

PINTAUDI (2006) ainda avalia que, devido a isso, a circulação por essas ruas era dificultada, pois os produtores e artesãos colocavam ali suas bancadas de trabalho e realizavam as atividades fora de suas moradias, que eram pequenas e sem iluminação.

Diante do exposto, entende-se através de PINTAUDI (2006) que muito dos mercados tiveram seu início nas feiras, e acabaram por ter que se materializar em forma de construções, já que a reprodução da vida nas cidades e regiões necessitava de um contínuo suprimento de mantimentos. Até então, nas cidades, os mercados eram os locais importantes para fornecer todo tipo de produto, devido a obrigar espacialmente esta atividade de troca entre as sociedades.

SPÓSITO (2000, *apud* RÊGO, 2013) afirma que, naquele período histórico, as cidades já se organizavam através de uma estrutura política, social e econômica, como vem sendo praticada até nos dias atuais. A partir disso, iniciam-se as primeiras relações comerciais, baseadas na troca de mercadorias excedentes sem fazer uso de moedas, trazendo então para as cidades o surgimento dos primeiros mercados. O início do capitalismo aumenta as relações econômicas já existentes e o comércio regular começa então a se desenvolver.

Compreende-se assim que, a partir do exposto, as cidades começam a ter os seus centros demarcados. Com isso, BOLUMBURU (1990, p. 189, *apud* PINTAUDI, 2006) diz que “o local mais importante era o do mercado, onde se realizava a maior parte das transações comerciais”. PINTAUDI (2006) afirma que, como já visto anteriormente, a princípio não havia lugares fixos para esses mercados, mas com o tempo, devido à implantação de uma rotina diária, os espaços escolhidos passaram a ser mais amplos para essas transações, coisa que nas cidades da Idade Média não possuíam, já que no interior das muralhas o espaço era muito reduzido, e para ter uma maior ocupação com mercados teria que resultar na demolição das moradias ao redor.

Conforme PINTAUDI (2011, *apud* RÊGO, 2013), se voltarmos atrás através de uma leitura linear no tempo histórico, descobrimos os mercados públicos como espaços de troca sempre presentes entre as comunidades, desde os tempos mais antigos. Segundo SILVA (2008, *apud* RÊGO, 2013) o mercado representava o progresso e a modernidade. A passagem da feira livre para mercado público representava o desenvolvimento das cidades, pois a feira era vista como sinônimo de atraso, enquanto o mercado mostrava o progresso. Devido à evolução das cidades, a feira não se adequava mais aos parâmetros impostos pela sociedade e, por isso, a criação de mercados supria as necessidades geradas por esse crescimento urbano.

SILVA (2008, p. 7, *apud* RÊGO, 2013) diz que:

> O Brasil vivia o processo de modernização conservadora que desencadeava o aumento da população nas cidades. Com a mecanização do campo, ocorreu o deslocamento de grandes contingentes de trabalhadores rurais para as cidades (êxodo rural), provocando um significativo crescimento urbano em quase todo o país.

Para PINTAUDI (2006), a presença do mercado público dentro ou fora da cidade, nunca foi questionada por ser local de abastecimento de produtos, já que em diversas sociedades, era costume de realizar ali as trocas necessárias para sustentação da vida. O questionamento dessa forma que se manifestava, era justamente quando ela passa a se desfazer ou chegar aos limites de sua existência enquanto forma reconhecida e apropriada socialmente para a evolução das cidades. A partir do momento que esse costume sofre uma ruptura com o surgimento de formas de abastecimento mais modernas, causa uma transformação no mercado público, que passa a ser visto como lugar “tradicional”. Apesar de ter surgido na antiguidade, hoje ainda os mercados tem continuidade no espaço, devido ao fato de dialogarem com outras formas de comércio mais modernas.

De acordo com ORTIGOZA (2009, p.28):

> Para refletir sobre a cidade torna-se muito importante compreender as formas industriais, comerciais e de serviços especializados que acabam por emitir uma visão de como as classes sociais se organizam nesse espaço do consumo. Elementos como atração, alcance, economias de aglomeração, apesar de clássicos dentro dos estudos urbanos, hoje ganham novas conotações, pois seus papéis alteram-se no mundo do consumo, mas não perdem a importância.

PINTAUDI (2006, p.13) diz ainda que:

> O mercado é um lugar de troca, de circulação e a facilidade de acesso viário para o abastecimento, que mantém sua função viva, implica uma estratégia espacial. Quando essa tática deixa de funcionar, torna-se impossível manter a função no lugar.

Para ORTIGOZA (2009), a cidade caracteriza-se pela excelência do espaço de consumo, levando em consideração a dinâmica do comércio urbano, suas formas e funções. Afirma que o comércio passa a dar o ritmo nas cidades, pois por meio de sua reprodução sistemática de ideias e valores, acabam produzindo um espaço

urbano através de suas lógicas e necessidades. Para ela (2009, p.33), “estamos vivendo, a generalização da mercadoria, e assim, tanto a sociedade quanto o espaço são vulneráveis à reprodução do capital”.

2.2 TIPOLOGIAS CONSTRUTIVAS DE MERCADOS

De meados do século XIX ao século XX, MURILHA (2011) verificou grande repercussão na construção de mercados. A implantação destes edifícios na Europa repercutiu no Brasil, em especial em algumas cidades paulistas. Devido a algumas epidemias nessas cidades, as construções tiveram que atender as concepções higienistas da época, marcando assim os profissionais do campo da engenharia e da arquitetura do período.

Analisando alguns conceitos clássicos sobre tipologias, QUINCY (*apud* MURILHA, 2011) diz:

> A palavra *tipo* não representa a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada, mas a ideia de um elemento que deva servir como regra para o *modelo* […]. O *modelo*, entendido em termos da execução prática da arquitetura, é um objeto que deve ser repetido como é; o *tipo*, ao contrário, é um princípio que pode reger a criação de vários objetos totalmente diferentes. No *modelo*, tudo é preciso e dado. No *tipo*, tudo é vago.

Dentre as tipologias que surgiram no processo de desenvolvimento da indústria, para PEVSNER (1978, *apud* CHAVES, 2013, p. 6), “a dos mercados era a única que já existia à qual nos remete às primeiras tendas dos mercados romanos” e logo após, aos mercados medievais.

Segundo GARREFA (2002), no Brasil, a atividade de comércio varejista aumentou nas décadas finais do século XIX, devido à produção industrial que começou a conquistar o mercado nacional. As inovações dessa atividade comercial aconteceram primeiramente em capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e Porto Alegre.

De acordo com CHAVES (2013), esse desenvolvimento industrial proporcionou grandes avanços aos espaços edificados, trazendo o ferro e o vidro em evidência nesse período. Essa tipologia também marcou o desenvolvimento urbanístico e arquitetônico das cidades europeias.

GARREFA (2002) afirma que nesse período, em Paris, foi construído o *Les Halles Centrales*, uma construção em ferro e vidro, modelo este que se espalhou internacionalmente, inclusive no Brasil. GARREFA (2002) diz ainda que a criação deste mercado público de ferro integrou um conjunto de reformas da cidade de Paris, que estavam sendo realizadas em várias partes do país. A intenção de criar este mercado era de solucionar a insalubridade das feiras livres e ribeiras de peixes dos séculos passados. Com isso, a construção de mercados públicos de ferro no Brasil teve favorecimento devido aos esforços das indústrias europeias, para assim surgir novos mercados, onde estas produziam os perfis metálicos e outras partes da construção dos edifícios de ferro.

Segundo CHAVES (2013), em meados do século XX, ocorre no Brasil um processo de expansão econômica e modernização devido ao crescimento da exportação da borracha. A nova burguesia do período traz um embelezamento da estética nos novos edifícios construídos, fazendo assim surgir o interesse da administração pública, passando a utilizar desses materiais importados em suas novas construções, entre eles o ferro.

Conforme afirma MURILHA (2011), um dos primeiros tipos construtivos de mercado a surgir no Brasil no século XIX, foi o mercado fechado com pátio interno aberto, visto que o ferro chegou ao Brasil no início do século XX, onde se difundiu um novo modelo utilizando coberturas.

A partir dessas constatações, veremos a seguir um histórico mais detalhado dessas tipologias, segundo a revisão destes autores.

2.2.1 Mercado fechado com pátio interno aberto

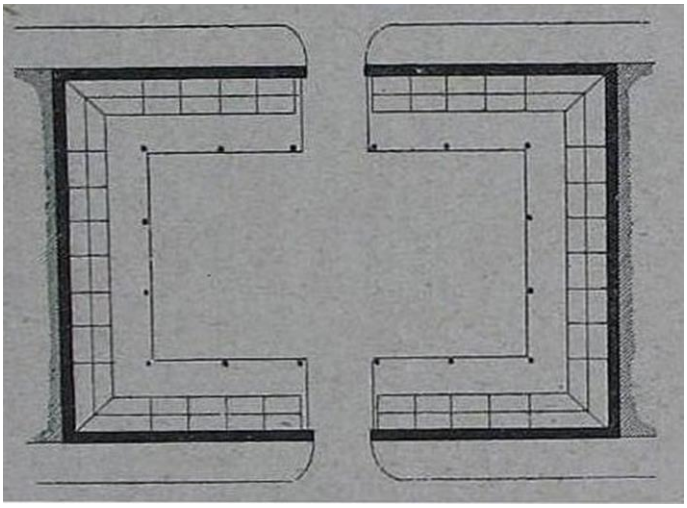
MURILHA (2011) faz algumas referências a mercados da Europa, especialmente das cidades de Amiens e Florença. Segundo DURAND (1822, *apud* MURILHA, 2011, p. 2):

> Estes mercados possuíam plantas simétricas de forma quadrada e retangular, além de terem um pátio interno descoberto composto por um conjunto de arcadas nas laterais, apresentando fachadas em estilo neorromânico. Estes edifícios foram projetados e construídos na primeira metade do século XIX, remetendo a uma tipologia antiga de mercado público, lembrando o átrio romano.

BALTARD (*apud* MURILHA, 2011), observa que a partir da construção dos Halles centrais de Paris, era bastante evidenciado na França o tipo clássico de mercado fechado, originário da antiguidade clássica. CLOQUET (1922, *apud* MURILHA, 2011, p. 2) faz uma proposta classificatória para os mercados. Segundo este:

> Apresenta como um dos tipos construtivos para mercados, um mercado fechado, com pátio interno quadrado aberto que abrigaria as lojas (boxes), sendo estas dispostas nos quatro lados e acessível aos veículos. Na sua proposta classificatória, ele estabelece este mercado como de *SegundoTipo* (figura 01).

Figura 01 – Planta do Mercado de *Segundo Tipo*

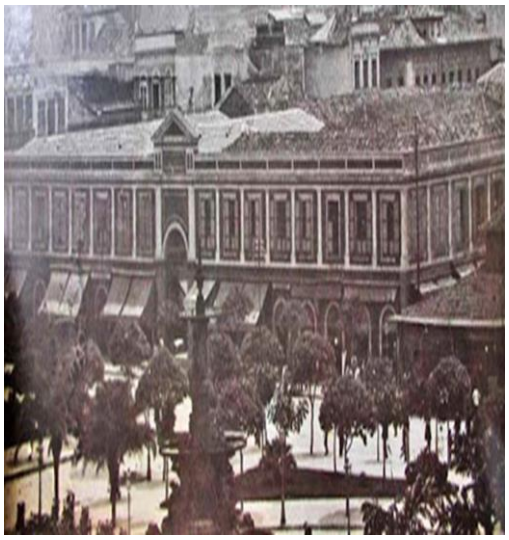


Fonte: MURILHA, 2011.

Um exemplo desse tipo de mercado é o Mercado da Candelária. Segundo MURILHA (2011), tendo em vista a insalubridade e a precariedade e a forma com que os alimentos eram vendidos naquela época, foi solicitado pelo poder publico a criação de uma edificação onde pudessem ocorrer essas transações, portanto, dando fim às bancas de pescado construídas em madeira.

Em termos tipológicos, MURILHA (2011) afirma que este mercado foi construído com planta retangular formando assim um pátio central aberto (figura 02). Localizado no Rio de Janeiro, este mercado é considerado o exemplar mais antigo desta tipologia encontrado no Brasil.

Figura 02 – Mercado Público da Candelária



Fonte: MARCULINO, Eduardo (2010).

Dentre outras características tipológicas, MURILHA (2011) cita:

> Este mercado público apresentava dois pavimentos de planta retangular com arcarias voltadas para um pátio central. Nas fachadas externas, foi projetado um embasamento de granito e dezesseis vãos de arco pleno, sendo estes arcos guarnecidos de granito. A platibanda vazada à romana completava os frontispícios. No centro das fachadas voltadas para o Largo do Paço e para a Rua do Ouvidor, estavam os portões de entrada, estando estes coroados com frontões retos. A área total construída deste mercado público era de 5.187 metros quadrados.

Segundo MURILHA (2011), no século XIX, o Mercado da Candelária serviu de base para criação de outros mercados, tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. Servindo de modelo para outros, no Rio de Janeiro foram construídos os Mercados Públicos da Praça da Harmonia e o da Glória.

2.2.2 Mercado coberto em estrutura de ferro

Para MURILHA (2011), foi em meados do século XIX que o ferro começou a ser utilizado para fins construtivos. Na Europa, um dos primeiros exemplos deste tipo

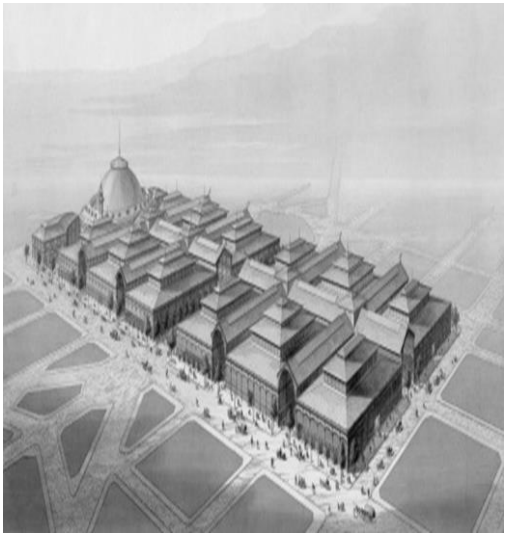
de construção foi o Les Halles, em Paris (figura 03). Ao comentar essa edificação, Beatriz Mugayar Kühl (*apud* MURILHA, 2011) afirma que:

> [...] foram os *Halles Centrales* de Paris que estabeleceram de forma decisiva esse tipo. Nunca havia sido dada tamanha importância a edificações desse gênero. Esse mercado, composto por quatro pavilhões maiores e oito menores, interligados entre si por passagens cobertas, constituiu um exemplo significativo de normalização de uma construção, a partir de elementos produzidos em série.

Ainda para a mesma autora:

> Esse partido de mercado composto por pavilhões e com essas características se difundiria por toda a França e por muitos países da Europa, sendo exportado para outros países, entre eles o Brasil. O partido se repete, mas há variações quanto ao número de pavilhões, quanto à ornamentação e quanto aos elementos que compõem a estrutura, como o modelo das colunas, perfis e forma das coberturas.

Figura 03 – Vista aérea dos Pavilhões do Mercado Público de Les Halles de Paris, em 1863.



Fonte: MURILHA, 2011.

Segundo GARREFA (2002, p.54), “o primeiro mercado público construído em ferro e vidro no Brasil foi o mercado de São José, no Recife”. Este projeto foi erguido em 1875, no local onde existira a Ribeira de Peixes, e era uma cópia quase idêntica do Mercado de Grenelle, também de Paris.

De acordo com GARREFA (2002), o mercado de São José é composto de dois pavilhões iguais, assim como o Mercado de Grenelle, que eram interligados por uma cobertura de ferro, diferente das que eram usadas na época.

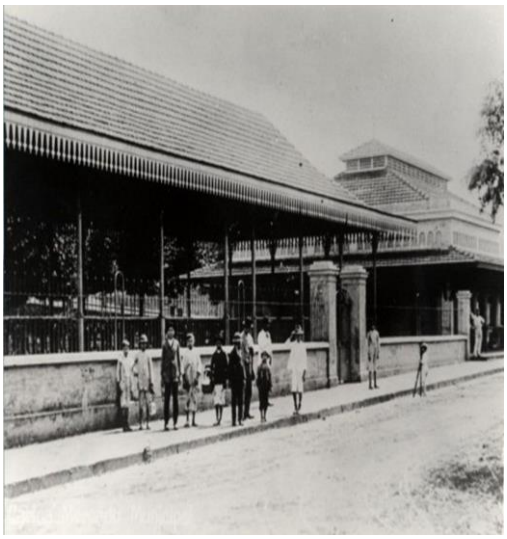
Como observa Geraldo Gomes da Silva (1985, p. 14 *apud* MURILHA, 2011):

> Há um momento na história em que o ferro passa a ser empregado com tão diversificados fins, dentre eles a construção de edifícios, que é inevitável o registro desse material como um fator essencial para as transformações de toda ordem por que passou a sociedade. Este momento é o século XIX.

Assim, após o inicio do século XX, GARREFA (2002) analisa que, a partir da construção do mercado de São José, começaram a surgir cada vez mais obras neste estilo arquitetônico. Em 1901, foi erguido o Mercado de Ferro, em Belém. Posteriormente, viria a ser conhecido como Mercado Ver-o-Peso, tornando-se um dos cartões postais da cidade.

Outra edificação baseada nesse estilo foi o Mercado de São Carlos, em São Paulo. Segundo MURILHA (2011), este foi construído no início do século XX, inspirado também na arquitetura dos pavilhões do Less Halles. O Mercado de São Carlos era composto de dois pavilhões com forma retangular, onde o primeiro foi executado em estrutura de ferro com as laterais em alvenaria (figura 04).

Figura 04 – Mercado Público de São Carlos, em 1907.



Fonte MURILHA, 2011.

Com isso, podemos perceber que os surgimentos das indústrias de ferro influenciaram seu uso na construção de mercados públicos e outras tipologias pelo Brasil e também no mundo.

Ainda no Brasil, no início do século XX, foi construído o mercado que seria um dos maiores mercados do Brasil. Segundo GARREFA (2002), o Mercado Municipal do Rio de Janeiro, também construído em ferro, teve forte influência das reformas urbanas de Haussmann. A ideia foi concebida no governo anterior ao de Pereira Passos, onde pretendia se projetar um mercado de grandes dimensões, utilizando de novas tecnologias e materiais, e assim que tomou posse, Pereira Passos iniciou as obras em 1903.

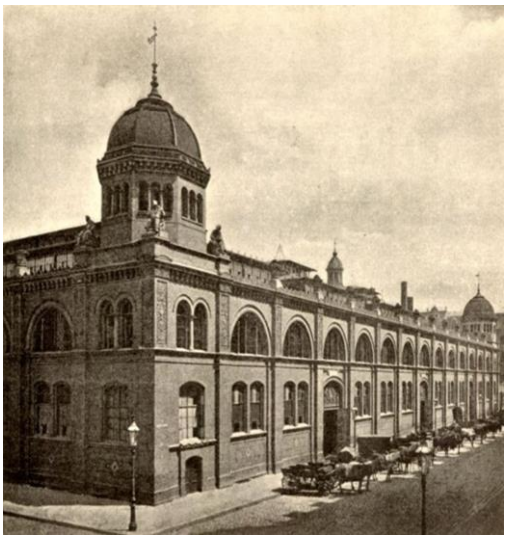
2.2.3 Mercado coberto com torrões laterais

MURILHA (2011) explica que, além das tipologias que já dominavam a arquitetura do século XIX, surge em um novo momento uma tipologia mista, onde se misturavam em uma única edificação a presença de diversos materiais, como alvenaria, ferro e madeira. Basicamente, o modelo era composto por pilares de ferro, paredes em alvenarias e a estrutura da cobertura em madeira.

Para MURILHA (2011), além de chamar atenção por essas combinações de materiais, outro ponto que se destacou foi a utilização de torrões como composição volumétrica dos edifícios. Observamos que a maior parte dos torrões eram construídos nas laterais dos mercados, e destacava-se também por ser mais alto que o restante da construção. MURILHA (2011) destaca como um modelo clássico desse tipo de mercado, o Mercado Central de Berlim. Este, construído em 1886, foi composto em sua maior parte por alvenaria, e chama atenção por suas grandes aberturas de grandes dimensões na fachada do edifício, tendo estas o objetivo de proporcionar maior iluminação no interior do mercado (figura 05).

No Brasil, segundo MURILHA (2011), a partir da criação deste mercado em Berlim, surgiram outros exemplos dessa arquitetura especialmente nas cidades de Santos, Rio de Janeiro e São Paulo.

Figura 05 – Mercado Central de Berlim, em 1896.



Fonte: MURILHA, 2011.

3 ESTUDOS DE CASO

Neste capítulo apresenta-se 03 estudos de casos com propostas similares ao que está sendo proposto, analisando comparativamente as diversas abordagens e apresentando possibilidades práticas para o estudo preliminar de projeto arquitetônico que se desenvolverá.

3.1 MERCADO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Baseado em estudos de ROIM (2016), revisar-se-á brevemente a história sociocultural da cidade de São Paulo (SP), enfatizando a região central na qual se situa o Mercado Municipal. Segundo dados do primeiro censo realizado na cidade de São Paulo, com data de 1888, sua população multiplicou-se entre os anos de 1854 e 1886, passando de uma média de 418.532 para 883.392 indivíduos. Com o inicio da República, esses números aumentaram rapidamente, especialmente entre os anos 1900 e 1920, tendo um aumento significante até 1950, devido a presença de imigrantes para a cidade.

Em 1934, de acordo com ROIM (2016), tiveram inicio as atividades do Mercado Municipal. A população neste período já era de mais de 1 milhão de habitantes. Neste momento histórico, São Paulo já passara pelo processo de modernização que se iniciava no país, onde o Brasil se tornara um país industrializado, rumo à civilização.

Segundo ROIM (2016), devido a grande concentração de habitantes que a cada ano se multiplicava mais, houve-se a necessidade de melhorar a distribuição de alimentos, visto que o que existia até então não eram mais suficientes para abastecer a cidade. ALVES (2004 p. 47, *apud* ROIM, 2016) mostra como funcionava o mercado existente na cidade:

> Em 30 de junho de 1890 é inaugurado o Mercado de São João na Ladeira São João, na Baixada do Acu, uma área então ocupada por bambus e arbustos, em terreno vizinho ao atual prédio do Correio Central. A construção quadrada, com 50 metros em cada face, tem paredes e telhados em folhas de Flandres, importadas da Bélgica. Estabelece-se ali um comércio de frutas, verduras, legumes, cereais e carnes, além de um setor de peixe. O mercadinho substitui as antigas casinhas, cujo movimento atrapalhava o trânsito na Rua do Tesouro.

Como afirma ROIM (2016), o Mercadinho de São João foi demolido por volta de 1915, para dar lugar ao novo mercado. Segundo informações de HERCULANO (2013)**,** em 1928, no mandato do prefeito José Pires do Rio, foi autorizado a construção de um novo mercado que buscasse atender as novas necessidades. A construção do atual Mercado Municipal de São Paulo durou cerca de 4 anos (figura 06), sendo Ramos de Azevedo o arquiteto responsável pelo projeto.

Figura 06 – Construção do Mercado Municipal de São Paulo.

Fonte: HERCULANO, 2013.

Segundo ROIM (2016), por ter sido construído no período da Revolução Constitucionalista, após sua construção, o mercado foi primeiramente utilizado para guarda de armas e munições. Somente com o fim da Revolução, o Mercado Municipal de São Paulo (figura 07) foi inaugurado em 25 de janeiro de 1933, data do aniversário da cidade. Conforme ROIM (2016, p. 43):

> Foi inaugurado, no ano de 1933, o Mercado Municipal, com uma construção neoclássica de 22.230 m², delimitada entre as ruas da Cantareira, Mercúrio, Assad Abada e Avenida do Estado, no centro de São Paulo, com bela arquitetura e 55 vitrais do artista russo Conrado Sorgenicht Filho, em lugar da feira chamada de Mercado Central, situado na Rua 25 de Março, com comércio de produtos alimentícios ao ar livre.

Figura 07 – Mercado Municipal de São Paulo

Fonte: HERCULANO, 2013.

Analisando as tipologias construtivas da obra, ROIM (2016) diz que a arquitetura empregada mostrava *status* social não só dentro da cidade, como em todo estado e também no país, baseado no que esperava a elite naquele momento. O local de inserção do mercado contrastava as diferenças sociais e econômicas da época, onde na cidade surgiam as inovações tecnológicas e econômicas, fazendo assim que muitos trabalhadores do campo trouxessem sua mão de obra para as indústrias.

Segundo ALVES (2004, *apud* ROIM, 2016, p. 46), o mercado foi pensado baseado em diferentes tipos de comércio, “como, por exemplo, de cereais, legumes, frutas e flores ocupando 40% do espaço; 20% para laticínios e salgados; 10% para carnes verdes; 10% para peixes e 20% para aves e outros tipos de carnes”.

De acordo com SOARES (2009, *apud* ROIM, 2011, p. 54):

> O Mercado, atualmente, é composto por 291 boxes em 12.600 m², que atendem um público de aproximadamente 14 mil pessoas ao dia e um corpo de funcionários de cerca de 1.600 integrantes. Existem ainda 1.600 m² de subsolo, que abriga sanitários, fraldário, enfermaria e a máquina de ozônio instalada para amenizar o cheiro de esgoto e manutenção para erradicação de pragas no local, o que afugentaria os turistas. São comercializadas aproximadamente 350 toneladas de alimentos ao longo do dia, visto que só fecha suas portas das 18 horas às 22 horas.

FERREIRA (2016) menciona que o Mercadão, como é conhecido o Mercado Municipal de São Paulo, tem uma arquitetura bem marcante:

> Em harmonia com o urbanismo do antigo centro da cidade, o Mercadão impõe-se com suas abóbadas e fachadas sóbrias, estas assinadas pelo italiano Felisberto Ranzini. No interior e no exterior, elevam-se colunas em estilo grego, jônico ou dórico, com telhas de vidros e claraboias que proporcionam luminosidade natural ao espaço.

Ainda de acordo com FERREIRA (2016):

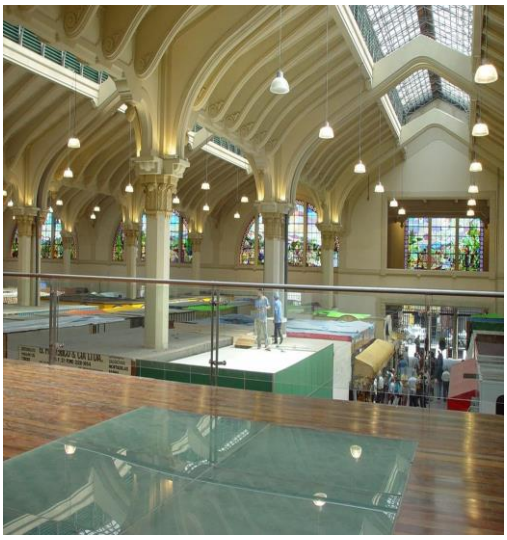
> Um dos detalhes que mais chama atenção é o trabalho realizado nos vitrais (figura 08), importados da Alemanha e executados pelo artista russo Conrado Sorgenicht Filho, famoso por obras na Catedral da Sé e em centenas de outras igrejas pelo Brasil afora. Seus 32 painéis são subdivididos em 72 vitrais, que retratam a vida dos colonos, com paisagens do cultivo e da colheita e a criação de animais, como gados e aves.

Figura 08 – Vitrais

Fonte: FERREIRA, 2016.

Segundo informações de FERREIRA (2016), o Mercadão passou por uma restauração no ano de 2004, onde foram respeitados os bens tombados e também foram criados em seu interior um mezanino entre duas de suas torres (figura 09), onde se forma uma praça de alimentação com vista de toda parte térrea do Mercado. Também foi melhorada a acessibilidade, com uso de elevadores e escadas rolantes.

Figura 09 – Vista do mezanino



Fonte: GALERIA DA ARQUITETURA, 2016.

3.2 MERCADO CENTRAL DE BELO HORIZONTE

De acordo com COSTA (2006), em 1900, no mandato do então prefeito Bernardo Pinto Monteiro, foi inaugurado o primeiro Mercado Municipal em Belo Horizonte (MG), cidade esta que possuía neste momento cerca de 13 mil habitantes. Este Mercado foi instalado onde hoje é ocupado pelo Terminal Rodoviário de Belo Horizonte, na região da Praça Vaz de Melo, na Lagoinha, com a Avenida Afonso Pena.

Segundo COSTA (2006, p. 32):

> A planta era retangular, e a estrutura, de ferro, foi importada da Bélgica. Eram 48 cômodos, destinados à venda no varejo, alugados aos interessados por prazo mínimo de 3 anos, sendo que na parte posterior havia uma área aberta, totalizando 100 metros quadrados, reservada ao comércio dos tropeiros, e outra, central, destinada ao mercado propriamente dito.

Contudo, COSTA (2006) analisa que, de acordo com que a cidade de Belo Horizonte crescia, o Mercado Municipal se tornava pequeno para tamanha

comercialização. Este Mercado passou por várias reformas a fim de conseguir um maior espaço para a venda dos produtos alimentícios. Em 1927, a cidade já havia passado por grande crescimento populacional (população maior que 100 mil habitantes). Foi então que o atual prefeito Cristiano Machado resolveu transferir o Mercado de lugar, buscando uma melhor localização e maior estrutura que atendesse a essa população.

A nova localização do Mercado foi “para o quadrilátero compreendido pelas ruas Paraopeba (hoje Avenida Augusto de Lima), Goitacazes, Curitiba e Santa Catarina, região que abrigava o campo do América” (COSTA, 2006, p. 33).

Assim, o novo Mercado foi inaugurado em 1929 (figura 10). Analisando a construção, COSTA (2006, p. 33) relata:

> Contava quatro pavilhões principais, isolados, subdivididos, cada um, em 36 lojas para mercearias e cafés, comércio de frutas, e quatro pavilhões centrais, com 8 lojas cada um, destinados a açougues, comércio de peixes e aves. Foram projetadas grandes salas para cafés e bares, duas câmaras frigoríficas para carne e mais duas para peixes e caça. Construíram-se 34 salas para agência de correio e posto policial, ficando reservada uma área central, com 1.050 metros quadrados, aos ambulantes e comerciantes de produtos da pequena lavoura. Em cada uma das quatro vias de acesso havia um portão de 5 metros de largura, permitindo acesso fácil aos fregueses.

Figura 10 – Mercado Central de Belo Horizonte

Fonte: MERCADO CENTRAL, 2018.

Segundo relato de Abílio Barreto (1996, *apud* COSTA, 2006, p. 34):

> As lojas eram de grades de ferro desmontáveis, nas quais a freguesia era servida por meio de dispositivo basculante, mantendo os cômodos vedados às moscas. Era uma feira a céu aberto que, por estar na área central, tinha como compradores pessoas da elite. Cada lojista pagava uma taxa de 500 réis por metro quadrado. As mercadorias eram expostas em tabuleiros e comercializadas diretamente pelo produtor com os fregueses. Quando acabavam as vendas, ao meio-dia. Os tabuleiros eram levados para o centro da feira e encostados no pirulito, onde permaneciam até o dia seguinte.

Contudo, o fato de o Mercado Central ter dado certo, não fez com que Belo Horizonte perdesse a cultura das feiras (figura 11). Segundo análise de Costa (2006), algumas feiras ainda funcionam pela manhã em um determinado dia da semana, em locais já demarcados de alguns bairros da cidade. A realidade entre o Mercado e as feiras é bem distantes, o que não as caracterizam como grande centro de compras.

Figura 11 – Feira Hippie de Belo Horizonte

Fonte: VEJA

3.3 MERCADO PÚBLICO MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS

Segundo YAMAMOTO (2008), as atividades comerciais de Florianópolis (SC) iniciaram-se muito antigamente. Desde o século XVIII, os mercadores se reuniam em frente à praia com suas barraquinhas, na atual Praça XV de Novembro, para vender todos os tipos de alimentos. Por volta de 1845, D. Pedro II visitaria a cidade, o que fez com que retirassem as barraquinhas da Praça, mesmo que provisoriamente. O intuito era mostrar uma cidade mais organizada e limpa ao imperador.

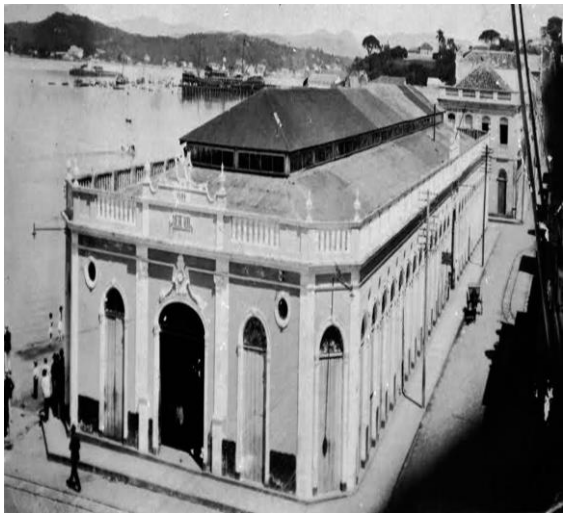
Com isso, de acordo com YAMAMOTO (2008), com a partida do imperador, a câmara municipal apresentou um documento com assinaturas, onde os mercadores pediam que as barraquinhas permanecessem no novo local, ou seja, nas imediações da Ponte do Vinagre (atual Avenida Hercílio Luz). Aproveitou-se, com o deslocamento até então provisório dessas barracas, para fazer uma “limpeza social” na cidade, visto que nesse primeiro momento o Mercado era frequentado por prostitutas ou escravos libertos.

Porém, como analisa YAMAMOTO (2008), esse primeiro Mercado trazia lucros para a cidade. Em decorrência disso, houve uma discussão sobre onde instalariam o novo Mercado de Florianópolis. Os argumentos eram sempre visando os interesses econômicos e políticos. Assim, em 1848, o Presidente da província autorizou a construção do novo Mercado Público na principal praça da cidade.

Segundo CABRAL (1979, p. 84, *apud* YAMAMOTO, 2008), as obras do Mercado foram concluídas em 1851, quando o Presidente da província entregou as chaves do primeiro Mercado Público (figura 12) ao presidente da Câmara Municipal:

> Foi construído em 1851 e era um bloco de quatro faces, retangular, com uma porta em cada lado, com quatro pares de olhos de boi nas faces mais extensas, e de dois, nas menores. Os cantos eram ornados com um jarrão de alvenaria e a platibanda do lado que fazia frente para a praça era enfeitada por um tímpano bastante simples, situado sobre a sua porta principal. O telhado era baixo, achatado, de telhas goivas e havia um pátio inferior com pavimento de lajes de pedra.

Figura 12 – Primeiro Mercado Público Municipal de Florianópolis



Fonte: MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPLIS, 2018.

Apesar dessa nova estrutura, YAMAMOTO (2008) analisa que muitos mercadores não conseguiam vender seus produtos. Com a proclamação da República e o surgimento de novos ideais, a cidade sentiu a necessidade de uma nova construção para abrigar o Mercado Público, buscando dar à cidade uma modernidade e um ar de civilização. Assim, em 1898, é inaugurado o atual Mercado Público Municipal de Florianópolis (figura 13), localizado no centro da cidade, que funciona até os dias atuais.

Para YAMAMOTO (2008), realizando um estudo sobre a construção e a concepção deste Mercado, mostra seu estilo e sua finalidade: uma das preocupações da classe alta da cidade de Florianópolis era que o Mercado servisse como decoração da cidade, antes de realizar qualquer das suas funções. Essa finalidade buscava dar à cidade um status de cidade grande e importante.

Figura 13 – Atual Mercado Público Municipal de Florianópolis

Fonte: JUNTOS A BORDO, 2018.

Segundo informações do Mercado Público de Florianópolis (2015)**,** o edifício foi dividido em duas alas, norte e sul, e abriga boxes de todos os tipos de comércio: alimentação, artesanato, calçados, entre outros. Para Yamamoto (2008):

> Seu objetivo foi alcançado, visto o que o Mercado Público se tornou um símbolo da cidade, cartão-postal e local de visitação, com seus boxes famosos, como o “Box 32” ou o “Ponto 15” dentre outros, ao mesmo tempo em que mantém sua função, pitoresca dentro desse contexto, de vender produtos alimentícios.

3.4 ANÁLISE COMPARATIVA

Apresentados os estudos de caso dos mercados e as tipologias mencionados anteriormente no corpo do trabalho, conclui-se que:

Das tipologias de mercados, observa-se uma tendência histórica, em sua maioria datada do inicio do século XX, final do século XIX, com arquitetura imponente e relevante para história do local. Devido a sua história e idade útil elevada, grande parte passou por reformas ao longo dos anos, mantendo suas características e buscando se modernizar.

No ponto de vista comparativo, levando em conta as características da cidade, chega-se a conclusão que a funcionalidade e organização são pontos relevantes e importantes a se destacar sobre o Mercado de São Paulo, apresentando uma estrutura maior, na qual esta abriga estruturas menores dentro dela, não perdendo assim a essência das antigas feiras existentes no passado.

Sobre o Mercado Central de Belo Horizonte, podemos destacar sua distribuição em grandes pavilhões, que proporcionam melhor organização para seus comerciantes e também para os consumidores que frequentam o local. O Mercado de Belo Horizonte se organizou a partir da chegada dos comerciantes e está assim estabelecido até os dias atuais. Comparando-o ao Mercado de São Paulo, percebe-se que o segundo tem maior sofisticação em relação ao primeiro.

No caso de Florianópolis, percebemos que o Mercado proporciona, até hoje, compras para todos que ali frequentam, mas também oferece uma estrutura bela com o intuito de receber harmoniosamente os turistas que passam pelo local. .

4 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

Neste capítulo será realizado o diagnóstico do local. Compor-se-á brevemente a história da cidade e a influência do local escolhido, apresentando mapas, fotografias e estudos realizados para a elaboração das diretrizes do projeto.

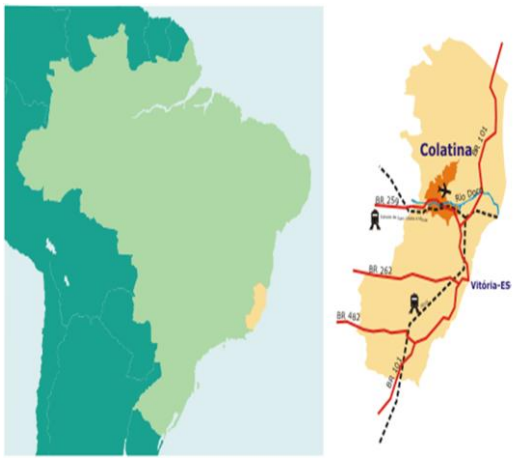
4.1 A CIDADE DE COLATINA

De acordo com a Prefeitura Municipal de Colatina (2018), no final do século XIX, os índios Botocudos dominavam a vasta área do Rio Doce até São Mateus, no Norte do Estado do Espirito Santo, além de uma parte de Minas Gerais. Estes começaram a desaparecer a partir de 1921, com a emancipação política de Colatina, que até então pertencia ao município de Linhares, e a onda de povoamento da Região Norte, a partir da construção da Ponte Florentino Avidos, em 1928.

Assim, segundo a Prefeitura Municipal de Colatina (2018), em 30 de dezembro de 1921 foi nominado o município de Colatina, separado de Linhares, com território que compreendia toda a área então pertencente ao município de Linhares.

A cidade de Colatina está localizada na parte central do estado do Espírito Santo (figura 14), no vale do Rio Doce, a 135 quilômetros de Vitória, capital do Estado. Pela cidade passa a estrada de ferro Vitória-Minas, a BR-259 e a Estadual 080 (Rodovia do Café). Possui 1.439 quilômetros quadrados, com cerca de 111.365 mil habitantes registrados em 2009, segundo dados do censo do IBGE, sendo 80% na área urbana e 20% na zona rural, como aponta a Prefeitura Municipal de Colatina (2018).

Figura 14 – Localização de Colatina



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA.

Segundo a Prefeitura Municipal de Colatina (2018), a topografia da cidade é acentuada e varia de ondulada para montanhosa, com altitudes entre 40 e 600 metros. O clima predominante é o quente úmido, típico do Vale do Rio Doce, com inverno seco. A temperatura média é de 28ºC, onde maior parte do ano tem a presença de extremo calor, e a maior ocorrência de chuvas é registrada entre outubro e janeiro.

4.1.1 A Praça Sol Poente

Baseado nas informações da Prefeitura Municipal de Colatina (2018), o principal centro de cultura e lazer de Colatina é a Praça Sol Poente (figura 15). Ela recebeu esse nome em homenagem ao pôr-do-sol da cidade, que na década de 60 foi eleito como um dos mais bonitos do mundo, pela revista americana Time.

A Praça Sol Poente está situada no centro da cidade, numa área de 20 mil metros quadrados, onde até 1975 passava a Estrada de Ferro Vitória a Minas, quando os trilhos foram retirados do centro da cidade.

Figura 15 – Praça Sol Poente

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA.

Como mostra a foto 01, em sua composição, a Praça possui pistas de skate e patins, quadra esportiva, área de ginástica e parque infantil, contando ainda com

espaço para eventos e prédios significativos como a antiga estação ferroviária e o armazém, que hoje é utilizado como a Biblioteca Pública do município.

Foto 01 – Quadra esportiva na Praça

Fonte: arquivo pessoal, 2018.

Durante todo o ano o espaço de eventos é utilizado com algum tipo de shows ou exposições, enquanto no restante da Praça acontece a Feira de Artesanatos (figura 16), nos finais de semana.

Figura 16 – Feira de Artesanatos

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA.

A Avenida Delta corta a Praça ao meio e serve de ponto de encontro para as pessoas que frequentam o local. Atualmente, durante os sábados, acontece nesta Avenida a feira livre do município. A feira acontecia na rua adjacente à Praça, mas

teve que ser remanejada para esta Avenida, devido à interrupção parcial do trânsito que acontecia para a realização da feira (figura 17), causando grandes transtornos aos habitantes do município.

Figura 17 – Antiga Feira Livre

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA.

De acordo com a Prefeitura Municipal de Colatina (2018), com a mudança da feira para a Avenida Delta, continua acontecendo a interrupção do trânsito (figura 18), agora total nesta via, já que a cidade não possui um local fixo para abrigar os mais de 220 feirantes cadastrados e autorizados a participar das feiras. A feira está passando por um processo de reorganização, visando melhorias para os feirantes e consumidores.

Figura 18 – Atual Feira Livre, na Av. Delta

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA.

4.1.2 O Mercado Municipal De Colatina

Segundo entrevista informal realizada com Francisco Hermes Lopes, que reside em Colatina desde o final da década de 60 e trabalha na Prefeitura local como Engenheiro Civil há 40 anos, não se sabe ao certo quando se iniciou as atividades do Mercado Municipal de Colatina, devido à falta de registros no município.

Chico, como é conhecido pela cidade, conta que ao chegar a Colatina, o Mercado estava em seu apogeu, fato esse que se deve a influencia do ciclo econômico da época, o café e o gado. Segundo informações que se tinham na época, sendo relatadas por Chico, no final da década de 50, Colatina era o município com maior número de habitantes do Estado.

Em entrevista informal com alguns feirantes do Mercado, que já exercem seu comércio há mais de 40 anos no local, a estimativa destes é que o Mercado existe há aproximadamente 80 anos.

A localização do mercado, segundo o engenheiro Chico, teve papel primordial para o desenvolvimento da região na década de 50, quando várias obras começaram a rodear o mercado, como cinemas, hotéis e o antigo Iate clube de Colatina, em uma época que o Rio Doce, ainda navegável, chegava com sua margem nas imediações do estabelecimento. O centro da cidade hoje ocupado por diversas lojas, anteriormente tinha a predominância de casas, em um aspecto de vila.

O Mercado era público. Sua estrutura, de acordo com relatos dos feirantes, eram barraquinhas de madeiras cobertas com folhas de eternit, não tendo uma cobertura maior que protegesse das chuvas e também do sol. Segundo afirmaram os comerciantes, as fotografias que se tinham dessa época foram perdidas na enchente que aconteceu no município em 2013.

O Mercado perdurou até os anos 90 com grande intensidade, tendo sua decadência com o surgimento da feira livre, que inicialmente se instalou na Avenida Senador Moacyr Dalla (conhecida como Av. Beira Rio), supermercados e hortifrutigranjeiros.

De acordo com Chico, uma determinada família de mercadores possuía mais de 4 barraquinhas no Mercado, entre os anos 50 e 60, onde esta vendia toda a carne necessária para sustentar a cidade, acumulando assim muitas riquezas.

No ano de 1994, durante o mandato do Prefeito Dilo Binda, foi autorizado que os mercadores que trabalhavam dentro do mercado, reformassem suas barracas do jeito que achassem melhor. Após as modificações o prefeito fez uma oferta aos mercadores, cada mercador poderia adquirir sua banca por um preço menor do que o de mercado, tornando-se o que era público em privado. Nesta mesma época, Chico relata que era um dos secretários do município, e propôs a construção de um novo Mercado, visando melhorar a qualidade do comércio tanto para os mercadores quanto para a cidade. Esta proposta não foi aceita pelos feirantes, que alegavam ter medo de perder o local onde já haviam concretizado seus comércios.

Mesmo com sua desvalorização decorrente do funcionamento da feira livre, o Mercado funciona no mesmo local até os dias atuais (foto 02). Sua estrutura é totalmente diferente dos relatos sobre a época, onde os feirantes providenciaram uma cobertura e utilizaram de paredes para delimitar as lojas (foto 03). Ainda há algumas bancas de verdura, mas também se encontra todo tipo de produto, como carnes e artigos de pesca, entre outros (foto 04).

Foto 02 – Entrada do Mercado

Fonte: arquivo pessoal, 2018

Foto 03 – Estrutura do Mercado

Fonte: arquivo pessoal, 2018

Foto 04 – Bancas de verdura

Fonte: arquivo pessoal, 2018

4.2 LOCAL DE INTERVENÇÃO

O terreno da proposta situa-se na Praça Sol Poente, onde se localizava o prédio da sede do ministério público em Colatina. Podemos observar seu entorno imediato no mapa 01, a área de implantação da proposta do novo mercado.

Mapa 01 – Vista aérea com a localização do terreno.

Fonte: Google Earth, adaptado pela autora

Segundo a Prefeitura Municipal de Colatina (2018), a decisão de demolir o prédio da promotoria fora do próprio Ministério Público do Espirito Santo. O terreno havia sido doado para esta construção pelo prefeito Dilo Binda.

Como podemos observar na foto 05, o antigo prédio estava localizado entre o fórum e a antiga estação ferroviária do município, que hoje se encontra inutilizada. A partir de sua demolição, foi pensado em utilizar o mesmo terreno para implantação do Mercado Municipal, visando não modificar a estrutura da Praça, que já está consolidada desde muitos anos. Os prédios que nela se encontram construídos, estão para receber investimentos destinados à revitalização, segundo informações da Prefeitura Municipal de Colatina (2018).

Foto 05 – Demolição do prédio do Ministério Público em Colatina

Fonte: arquivo pessoal, 2018

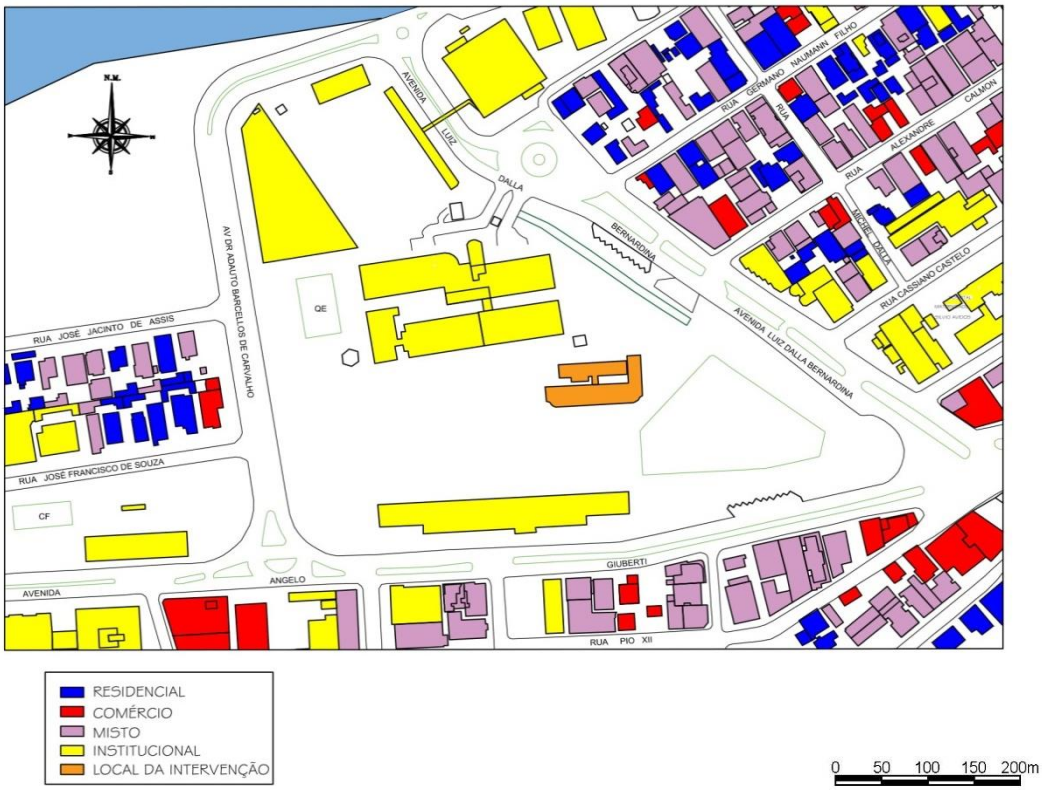
Por estar localizado no centro da cidade, o entorno da Praça é bem denso, como podemos constatar através do mapa 02.

Mapa 02 – Cheios e Vazios

Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina, adaptado pela autora.

De acordo o Plano Diretor municipal, a área de implantação do mercado está situada em uma ZUD-2, sendo esta caracterizada como uma zona de uso diverso. Observa-se no mapa 03 que a predominância de uso no entorno da Praça é de uso misto, isso porque por ser no centro da cidade, a maioria das edificações servem tanto como residência como comércio, como mostra a foto 06.

Mapa 03 – Uso e ocupação do solo



Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina, adaptado pela autora.

Foto 06 – Edificação de uso misto

Fonte: GOOGLE MAPS

Observamos também, através da foto 07, a presença de vários usos institucionais, como escolas, hospitais, creches, entre outros. Apesar da diversidade de usos, a praça acaba sendo um dos poucos locais para lazer no centro de Colatina. Com isso, a presença de um mercado proporcionaria melhor utilização da praça, como lazer e comércio.

Foto 07 – Hospital Silvio Avidos

Fonte: arquivo pessoal, 2018

4.3 HIERARQUIA VIÁRIA

A via arterial, nominada Avenida Ângelo Giuberti (foto 08), se destaca no entorno por ser considerada como a frente da Praça Sol Poente, se tornando assim a via com maior fluxo desta redondeza, onde a mesma recebe os fluxos das demais vias coletoras e locais.

Foto 08 – Via Arterial

Fonte: arquivo pessoal, 2018

A Avenida Adauto Ribeiro Carvalho, a Avenida Senador Moacyr Dalla Bernardina (Av. Beira Rio) e a Avenida Luiz Dala Bernardina, se caracterizam como vias coletoras do local delimitado, por serem vias de ligação entre as vias locais e a arterial. Estas avenidas têm grande fluxo de veículos e também a passagem do transporte público por elas (foto 09).

Foto 09 – Via coletora (Av. Luiz Dalla Bernardina)

Fonte: arquivo pessoal, 2018

As vias no entorno da Praça Sol Poente, em sua maioria, são vias locais, estas sendo caracterizadas por serem vias que possuem menor fluxo de veículos por estarem localizadas em áreas com predomínio de residências.

O mapa 04 mostra um detalhamento dessas vias do entorno da Praça Sol Poente, e também alguns nós viários presentes na cidade. O trânsito se torna lento nos horários de pico, onde estão localizados os nós viários, devido ao grande fluxo de carros e ônibus nestes locais. Por serem vias de cruzamento, os minutos de espera entre os tráfegos nesses nós aumentam, ainda mais por existirem faixas para os pedestres, fazendo com que complique ainda mais o fluxo nesses horários, onde os moradores saem de seus trabalhos de volta para suas residências.

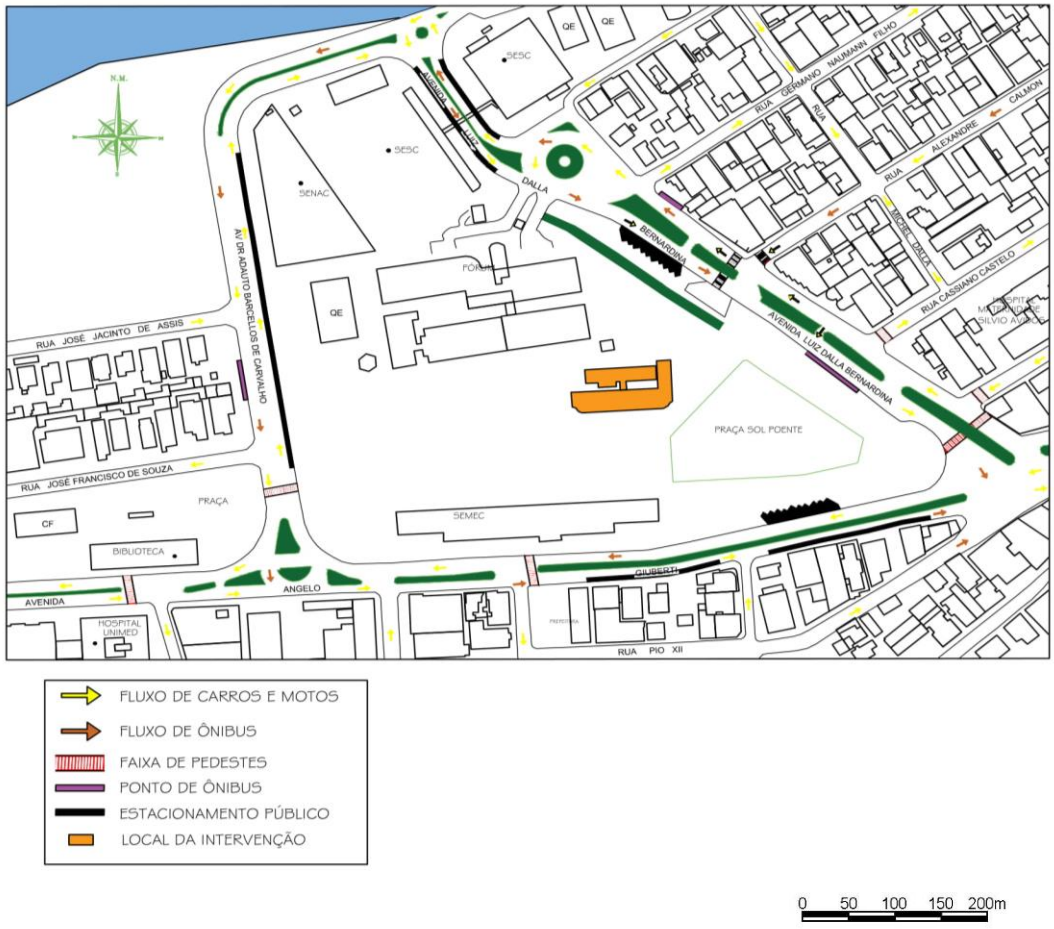
Mapa 04 – Hierarquia Viária e Nós Viários

Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina, adaptado pela autora.

4.4 FLUXOS

Como se observa no mapa 05, os transportes públicos não circulam por todas as ruas do centro de Colatina, porém, em sua maioria, circundam a Praça. Os pontos de ônibus se encontram em locais estratégicos de grande fluxo de pedestre e possuem abrigos cobertos e acento para proporcionar melhor conforto na rotina de quem depende do mesmo. Uns dos mais importantes são os próximos ao Hospital Silvio Avidos e na Avenida Delta, onde acontece a feira livre aos sábados pela manhã.

Mapa 05 – Fluxos



Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina, adaptado pela autora.

As faixas de pedestres também se localizam em pontos estratégicos, sendo em sua maioria próximas aos cruzamentos das vias (foto 10), ou próximas aos pontos de ônibus, evitando assim que os pedestres atravessem colocando em risco sua segurança.

Foto 10 – Faixa de pedestre em via de grande fluxo

Fonte: arquivo pessoal, 2018

O fluxo de carros e motos é sempre intenso nessas redondezas, já que a praça está localizada bem no centro da cidade. Algumas vias possuem os dois sentidos de circulação, enquanto algumas das vias locais apresentam apenas um sentido. Mesmo com essa organização do sistema viário que busca proporcionar uma rapidez no trânsito, algumas vias se tornam estreitas devido às vagas de estacionamento público que se encontram na maior parte delas (foto 11).

Foto 11 – Estacionamento público em via de grande circulação.

Fonte: arquivo pessoal, 2018

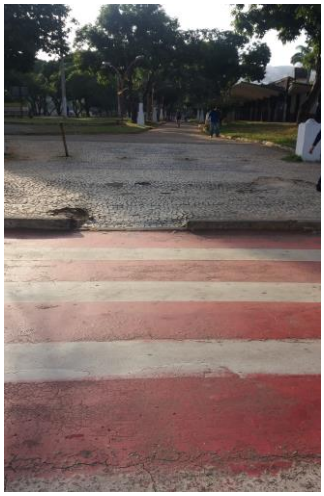
Quanto aos pedestres, percebe-se que as calçadas no entorno da praça não seguem um padrão de tamanho ou acessibilidade, sendo em sua maioria intransitável para pessoas com dificuldade de mobilidade (foto 12).

Foto 12 – Calçada sem acessibilidade

Fonte: arquivo pessoal, 2018

Como podemos observar, o passeio da praça oferece uma dimensão satisfatória para transição dos pedestres que passeiam pelo local. Em alguns pontos, a acessibilidade é precária, devido à falta de manutenção das rampas de acesso à Praça (foto 13).

Foto 13 – Passeio da Praça Sol Poente

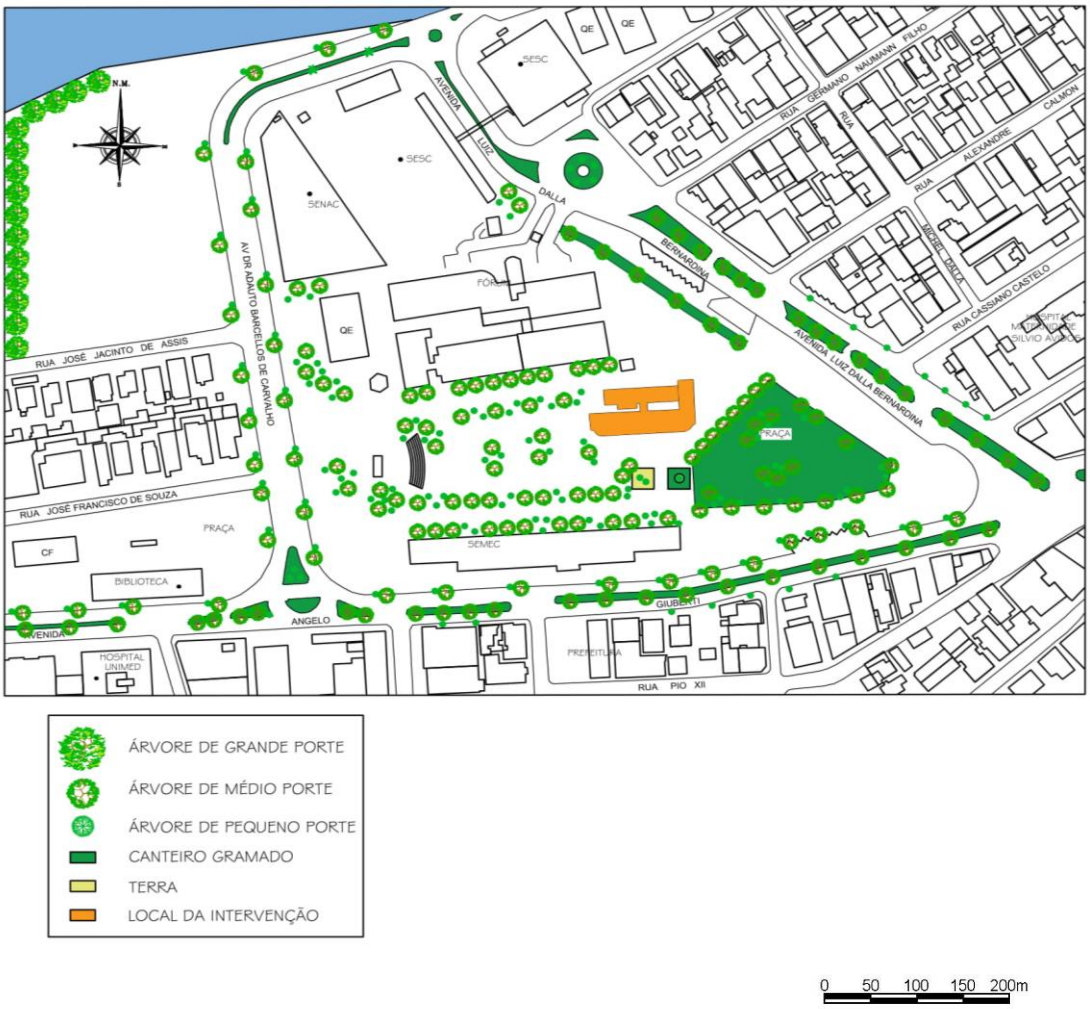


Fonte: arquivo pessoal, 2018

4.5 MEIO AMBIENTE

Por possuir um clima quente na maior parte do ano, o centro da cidade é repleto de canteiros bem arborizados, onde encontramos vegetações de grande e médio porte na maioria das vias do centro da cidade, conforme observamos no mapa 06 abaixo:

Mapa 06 – Meio Ambiente



Fonte: Prefeitura Municipal de Colatina, adaptado pela autora.

Como se observa, no entorno do Rio Doce, temos uma vegetação maior, que busca preservar a margem do rio (foto 14). Já no restante dos canteiros, vemos intercalar a presença de árvores de médio porte e arbustos menores, sendo gramado os principais canteiros.

Foto 14 – Arborização às margens do Rio Doce

Fonte: arquivo pessoal, 2018

Já na Praça Sol Poente, as vegetações se mantém no mesmo padrão dos canteiros centrais presentes nas vias principais de seu entorno, porém com maior número de árvores (foto 15). O atual prefeito Sérgio Meneghelli procura dar uma atenção maior para as vegetações do centro da cidade, onde as mesmas estão recebendo podas e tratamentos para que deixem a cidade cada vez mais bonita e harmoniosa.

Foto 15 – Arborização na Praça Sol Poente

Fonte: arquivo pessoal, 2018

5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Neste capítulo serão apresentadas as diretrizes norteadoras para a criação do projeto do novo Mercado Municipal de Colatina, através de conceituações, programas de necessidades, organogramas ou fluxogramas, e através dessas análises, evidenciará a proposta arquitetônica deste projeto.

Essas diretrizes levam a elaboração do anteprojeto, buscando analisar de forma atenciosa os recursos naturais e materiais que possam colaborar com a proposta deste edifício.

5.1 PARTIDO ARQUITETÔNICO

Para elaboração do presente projeto, foram levados em consideração alguns itens, buscando a caracterização do Mercado Municipal. Tal proposta pretende:

- Destacar o edifício dos demais, porém, que mantenha uma harmonia com a realidade do município;
- Proporcionar novos estilos de comercialização;
- Atender às necessidades dos mercadores;
- Um edifício leve, utilizando de coberturas metálicas em sua construção;
- Usufruir de iluminação natural durante o dia;
- Evidenciar a importância histórica do Mercado Público para a cidade;
- Aproveitar a área demolida para implantação do Mercado, buscando não descaracterizar o restante da Praça;
- Buscar melhor utilização da Praça Sol Poente, visando melhor segurança e opções de lazer para os moradores;
- Proporcionar aos frequentadores da Praça, a utilização do restaurante/bar como atrativo noturno nos finais de semana.

5.2 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Para atender as exigências do novo Mercado Municipal de Colatina, se tornou indispensável buscar elementos e espaços que atendam a essas necessidades comerciais.

PLANO DE NECESSIDADES				
SETORIZAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO	QUANTIDADE	ÁREA (M²)	ÁREA TOTAL (M²)
COMÉRCIO	Boxes para comercialização de produtos diversos	6	28,58	171,48
	Ilhas para comercialização de produtos diversos	8	11,61	92,88
	Esteira para acesso ao mirante	1	110,76	110,76
	Escada para acesso ao mirante	1	84,59	84,59
INFRAESTRUTURA	Carga e descarga	1	44,60	44,60
	Depósito geral (com refrigeração)	1	27,82	27,82
	Antecâmara	1	4,42	4,42
	Lixo	1	26,40	26,40
	Central de elétrica e gás	1	27,36	27,36
	Sanitário para funcionários	4	25,26	101,04
	Sanitários públicos	4	34,19	136,76
	Sanitários mirante	2	17,83	35,66
	Caixa d’água	1	72,97	72,97
	Ar condicionado	1	55,68	55,68
ADMINISTRAÇÃO	Central de vídeo monitoramento e segurança	1	33,44	33,44
	Administração	1	26,65	26,65

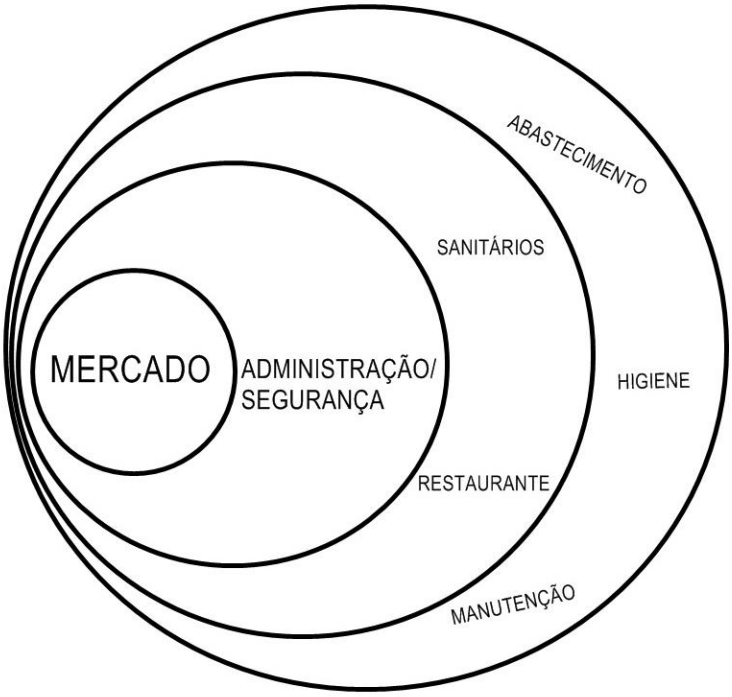
	Reunião	1	21,05	21,05
	Direção	1	22,53	22,53
	Sala de Espera	1	26,94	26,94
	Recepção	1	10,06	10,06
LAZER	Restaurante/Bar	1	108,76	108,76
	Cozinha	1	16,09	16,09
	Depósito de alimentos	1	3,78	3,78
	Mirante	1	233,72	233,72
	Praça	1	97,74	97,74

5.3 ORGANOGRAMA HIERÁRQUICO

O organograma do Mercado Municipal nos permite entender a hierarquia deste espaço e a relevância de cada ala exposta no programa de necessidades mostrado no item anterior. Percebe-se por meio dele que o mercado propriamente dito é o espaço principal deste edifício, porém há uma importância perceptível para a administração do mesmo, já que esta controla todo o funcionamento deste mercado. Propõe-se que a administração seja composta pelos mercadores, tendo eles assim o poder para reivindicar qualquer tipo de necessidade através de seus administradores.

Como já citado anteriormente, o Mercado Municipal de Colatina compreenderá não apenas bancas de hortifruti, mas uma série de outros produtos que permitem uma maior diversidade de comércio deste espaço. Na imagem 01, fora concebido um organograma para entendimento da proposta:

Imagem 01: Organograma do Mercado Municipal

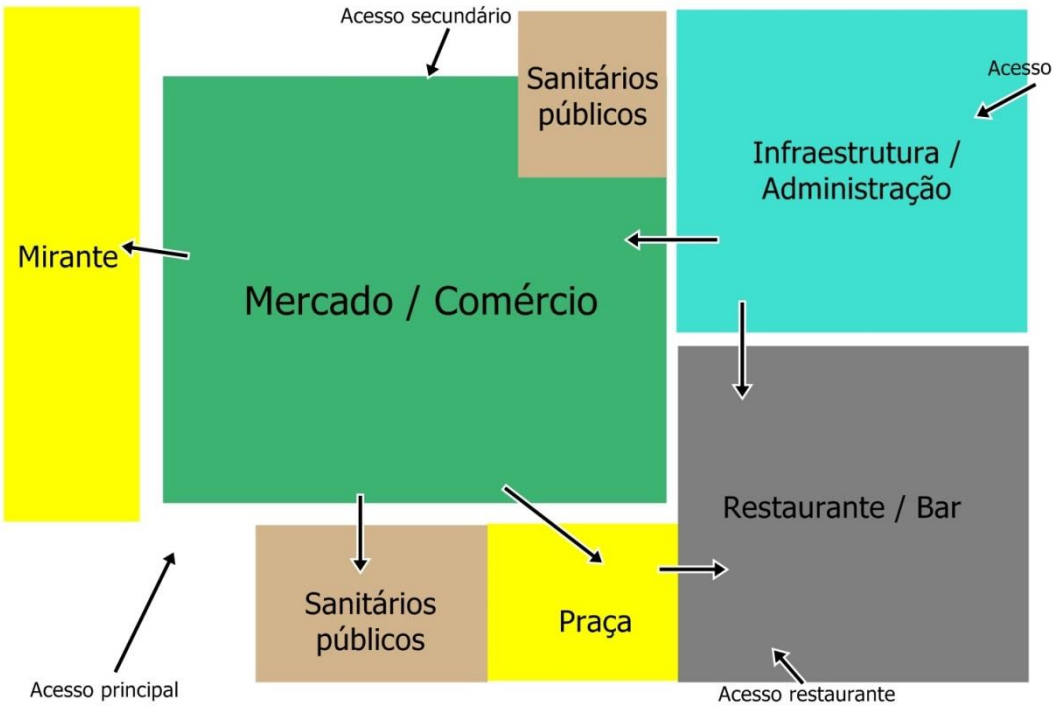


Fonte: Acervo Pessoal (2018)

5.4 FLUXOGRAMA

A partir do programa de necessidades e do organograma exposto anteriormente, foi elaborado um fluxograma (imagem 02) e uma proposta de setorização do edifício do Mercado Municipal. O fluxograma permite entender as possíveis conexões entre os ambientes propostos, para que o projeto seja bem planejado e tenha um bom fluxo em toda a edificação.

Imagem 02: Fluxograma do Mercado Municipal



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

O fluxograma permite ter uma noção maior da setorização interna do edifício do Mercado. Como o Mercado será inserido em uma Praça, a intenção é aproveitar as 04 fachadas, visto que de qualquer ponto ao redor teremos uma visão do prédio.

A fachada principal foi pensada em ser direcionada para a Avenida Ângelo Giuberti, visto que valorizaria também o visual do prédio da Antiga Estação Ferroviária que se encontra no seu entorno. Já na outra extremidade do Mercado, propôs-se uma entrada secundária, para também servir como saída de emergência.

Adentrando ao Mercado, percebemos que sua centralidade foi destinada a atividade principal das bancas e quitandas, para que o essencial esteja com acesso facilitado de qualquer outra ala do edifício. Os setores de infraestrutura e administração foram posicionados de forma estratégica a não atrapalhar o fluxo do mercado, visto que os comerciantes não teriam contato direto com estes setores por estarem mais afastados.

Os sanitários foram divididos em dois blocos, obedecendo às leis vigentes do município, visando facilitar seu acesso e utilização para os frequentadores do local.

A proposta do restaurante/bar surgiu com a necessidade proporciona lazer aos comerciantes que ali exercem sua função durante todo o dia. Na praça, durante os finais de semana, a noite acontece a feira de artesanatos, como já citado no diagnóstico anterior. A inserção do restaurante/bar proporcionaria um local seguro e adequado para estas atividades, buscando valorizar a feira que ali já existe há tantos anos.

6 PROPOSTA

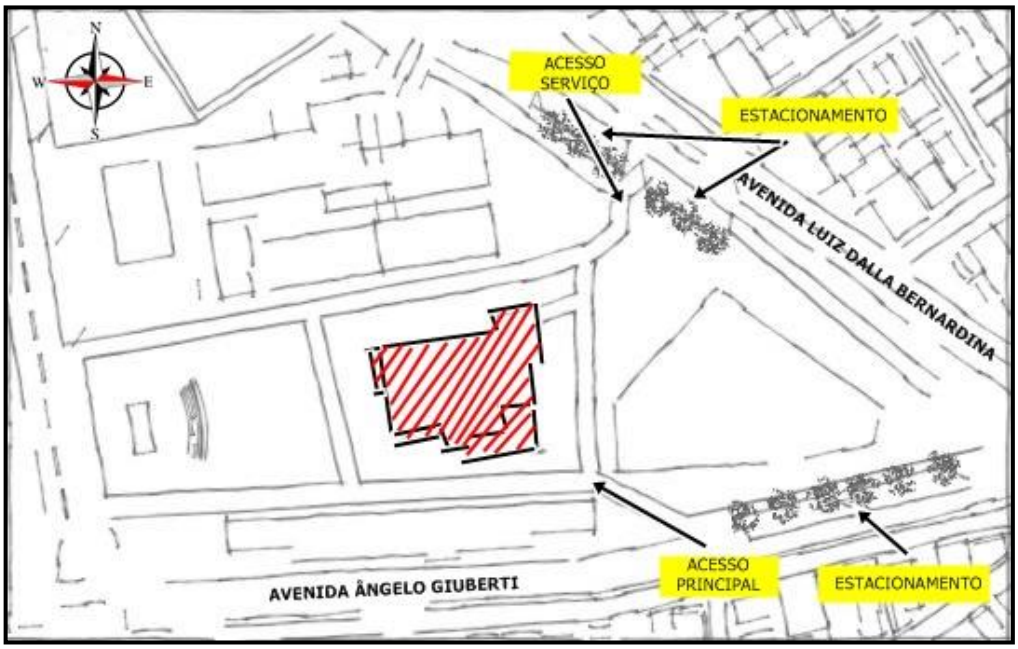
Neste capítulo apresenta-se a proposta do estudo preliminar para o novo Mercado Municipal de Colatina. Desenvolveram-se croquis esquemáticos, e por fim, apresentado as pranchas com o devido detalhamento projetual, que podem ser encontradas no apêndice em anexo.

6.1 O CONCEITO

O conceito norteador desta proposta partiu da interação social e cultural entre a Praça Sol Poente e o Mercado Municipal. A edificação buscará proporcionar aos frequentadores locais que estes usufruam da edificação, mesclando atividades de comércio e lazer que ali são executadas.

A partir do programa de necessidades e do fluxograma, além das normativas que serviram de base para a criação do projeto, elaborou-se um croqui esquemático da forma de implantação do Mercado Municipal, buscando a inserção do edifício sem prejudicar o entorno consolidado da praça. Para isso, o mercado fora implantado no terreno onde antigamente situava-se o prédio do Ministério Público Municipal, que hoje se encontra demolido.

Imagem 03: Croqui implantação do Mercado Municipal

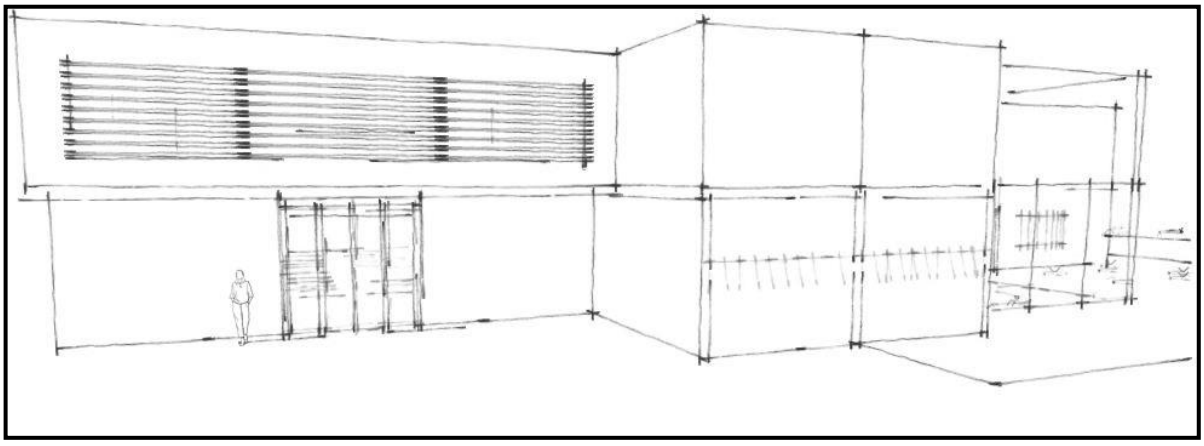


Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Pretendeu-se com essa proposta, trazer para o município uma edificação moderna, com composições arquitetônicas retas e fachadas livres, e também utilizando materiais de acabamentos como concreto aparente, metal e vidro, buscando contratar o peso do concreto com a leveza do vidro, para não descaracterizar o prédio das demais edificações existentes na praça.

Buscou-se também a valorização de todas as fachadas, visto que o mercado poderá ser visto de todas as adjacências. Projetou-se um pergolado em metal e vidro em sua fachada sul (foto X), onde este servirá como cobertura para o deck externo, onde o restaurante usufruirá deste para interagir com o exterior da edificação.

Imagem 04: Croqui perspectiva do Mercado Municipal



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Outro conceito desta proposta se deu a partir do pôr-do-sol da cidade, que já foi considerado pela revista “Times” de Nova Iorque como um dos mais belos do mundo. Baseado nisso, propôs-se na fachada oeste uma varanda como extensão do mirante, para que se pudesse observar o sol se pôr no fim da tarde.

Na fachada leste optou-se por direcionar as entradas de serviços, como carga e descarga, descarte de resíduos, entre outros. Para isto, criaram-se estacionamentos com acesso direto ao setor de infraestrutura. Além deste, foram propostos outras vagas de automóveis nos arredores da praça, visando não utilizar do espaço interno da praça para abrigar estacionamentos.

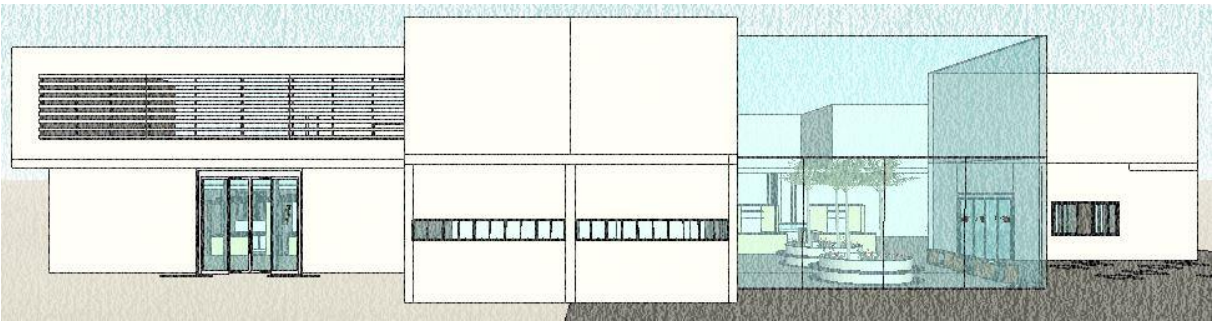
6.2 MEMORIAL JUSTIFICATIVO DO PROJETO

Nesse tópico apresentam-se as justificativas para a criação deste projeto, baseado nas normativas exigidas, buscando esclarecer as decisões que influenciaram no resultado final do projeto.

Quanto à implantação, o mercado tem a fachada principal voltada para a Avenida Ângelo Giuberti, e tem sua entrada recuada como estratégia de proteção solar (imagem X). Um dos aspectos mais relevantes dessa proposta de implantação consiste na interação da edificação com o entorno já existente na praça, utilizando de áreas do mercado como vivência e também promovendo a estrutura como integração visual, trazendo modernidade para o local.

Os estacionamentos foram localizados no entorno da praça, onde de todos os lados tem-se acesso ao mercado, pois não seria viável utilizar de parte desta para ocupar tal função. A topografia alinhada permitiu a abertura do mercado para o externo, complementando os eventos que acontecem na praça ao interior da edificação.

Imagem 05: Croqui fachada principal



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 06: Implantação

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

O bloco 01 envolve todo o comércio e suas complementações, tendo suas delimitações bem demarcadas, não envolvendo as atividades administrativas e de infraestrutura com a área de comercialização. O bloco 02 foi pensado como uma estrutura independente para proteger essas atividades que serão desenvolvidas no entorno do mercado. Este bloco também envolve o mirante, que foi pensado como ponto estratégico de vista para a praça e também para servir de área de convívio interna e externa da edificação.

Dentro da edificação, foi projetada uma praça que servirá de suporte para as atividades realizadas no interior do mercado, servindo de interação e estar para os usuários que ali transitam (imagem X). Inseriu-se então, canteiros centrais rodeados de bancos, buscando um conforto melhor para esta área de vivência. A proposta também viabiliza a abertura dessa praça para o exterior do mercado, proporcionando atividades que interajam entre a estrutura proposta. Desta forma, manteve-se o paisagismo já existente na praça, buscando trazer um clima agradável ao interior do mercado.

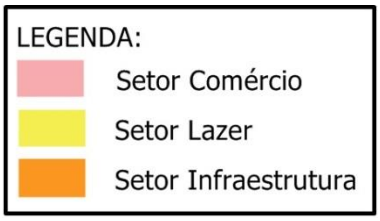
Imagem 07: Croqui praça interna

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Nesta proposta, o pavimento térreo destina-se ao comércio, infraestrutura e uma parte do lazer. O comércio contempla às áreas dos boxes de vendas, projetados dentro das exigências da vigilância sanitária, buscando trazer higiene e saúde aos que ali exercem seus ofícios.

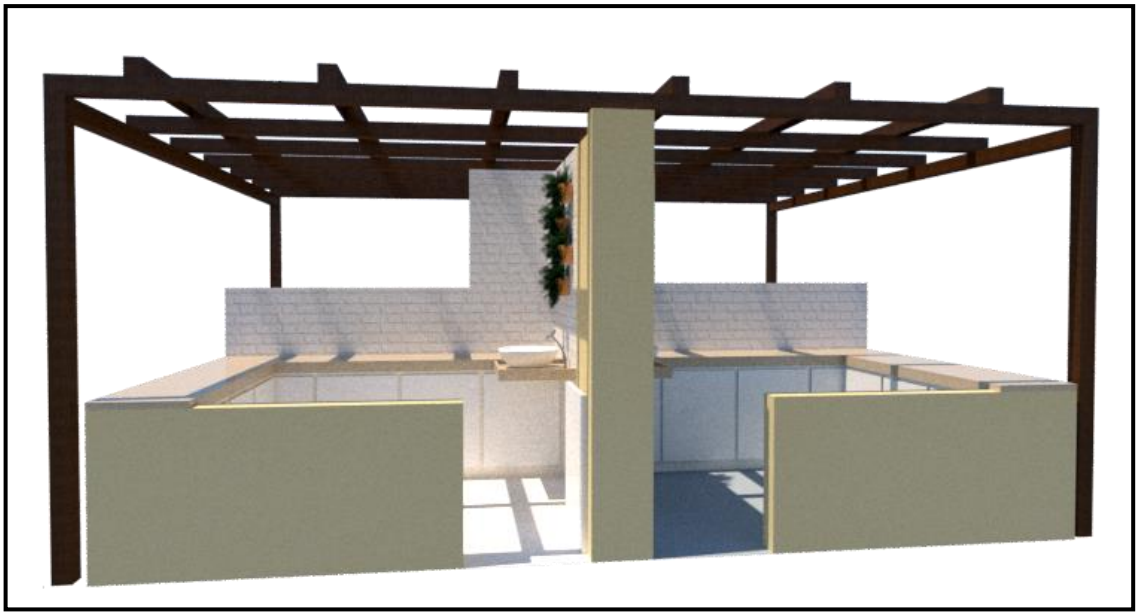
Imagem 08: Planta baixa térreo

Fonte: Acervo Pessoal (2018)



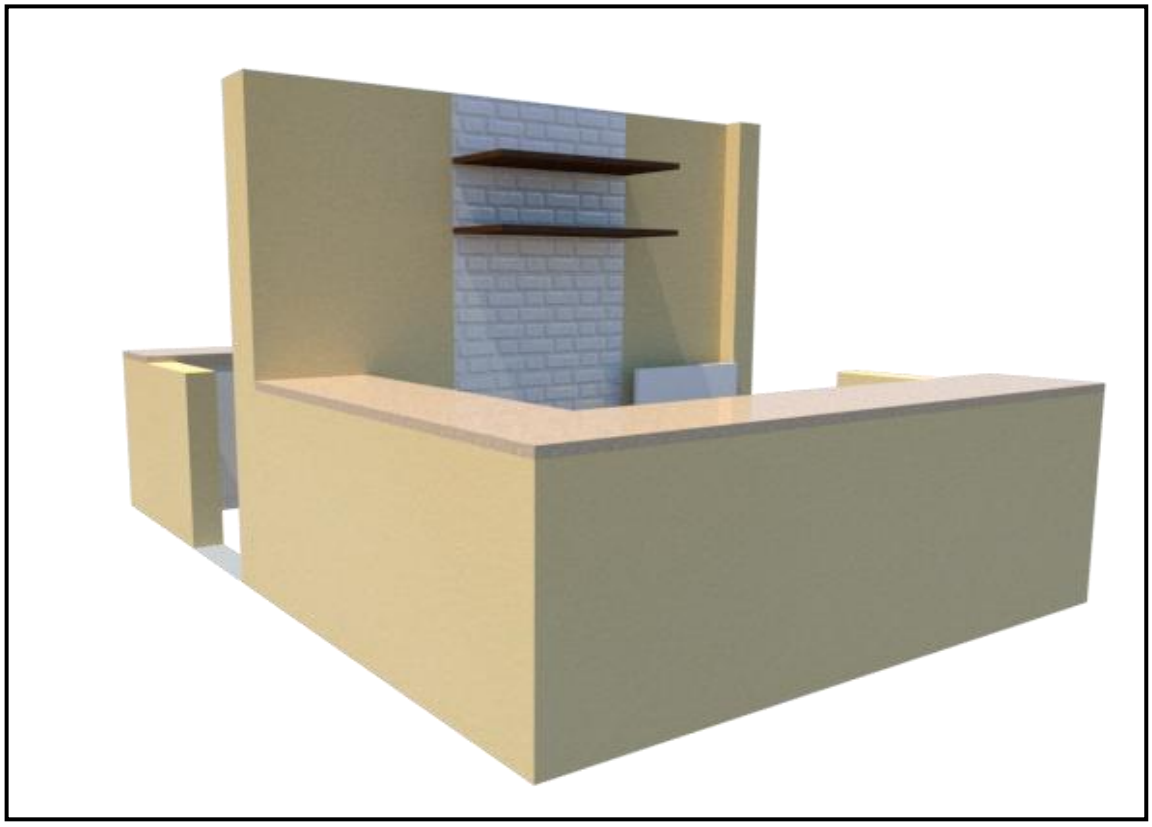
As normas da vigilância sanitária preveem que espaços de comércios destinados a produtos alimentícios devem estar próximos de áreas ventiladas, ter seu próprio lavatório de alimentos e também estrutura para pendurar alimentos. A partir disto, destinou-se uma porcentagem dos boxes para comercialização alimentícia e estes foram propostos com um pergolado para servir de pêndulo de alimentos, e em seu interior, possuem sua própria pia para lavagem e manuseio destes produtos. Além destes quesitos, todas as bancas possuem seu próprio local para armazenamento dos produtos, mas podem contar também com o depósito refrigerado que o mercado oferece, sendo este outra determinação da vigilância sanitária. Foram propostos boxes menores (ilhas) para comercialização de todo tipo de produto.

Imagem 09: Perspectiva boxe para produtos alimentícios



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 10: Perspectiva ilha



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

O mercado conta com 03 entradas, sendo estas previstas pelo Corpo de Bombeiros, por questões de segurança e de grande fluxo no interior da edificação. A área comercial também conta com sanitários públicos acessível, como exige a norma de acessibilidade ABNT NBR 9050:2015 (Associação Brasileira de Normas Técnicas, 2015). Além disso, o mercado conta com circulação vertical através de escada e esteira rolante para acesso ao mirante. As circulações estão dispostas no Código de Obras de Colatina.

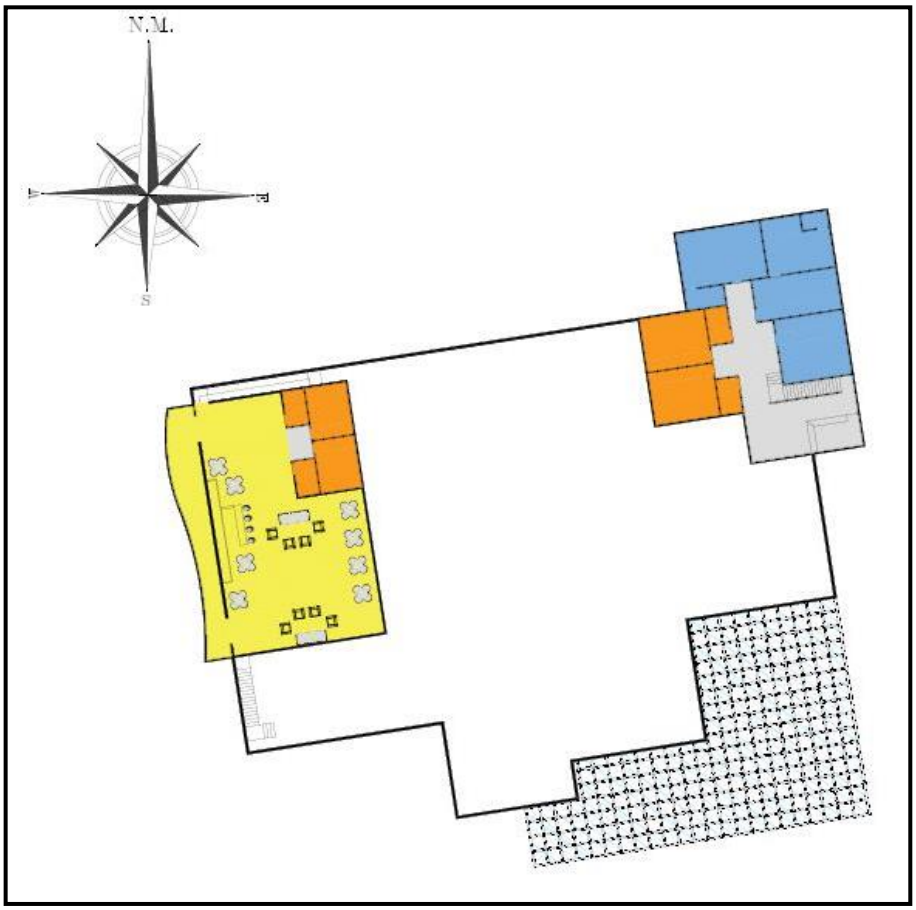
O setor de infraestrutura tem acesso pela Avenida Luiz Dalla Bernardina, por ser o caminho mais curto até a edificação. Neste são realizados serviços como carga e descarga, depósito com refrigeração, central de elétrica e gás e coleta de lixo, contando também com banheiros acessíveis para os funcionários deste setor.

Neste pavimento, o lazer abrange as áreas do restaurante e a praça do mercado. O restaurante foi proposto estrategicamente, tendo como objetivo a interação do exterior com o interior do mercado. Sua proximidade à saída permite a ampliação do atendimento para o deck projetado na lateral da construção. O restaurante abrange uma cozinha estruturada para realização dos pedidos, além de ter seu próprio depósito de alimentos e variados.

A praça interna do mercado partiu da ideia de trazer um pouco do que há em volta para dentro da edificação. Para isso, usou-se do vidro para que os apreciadores da praça também possam contemplar a Praça Sol Poente à sua volta. Em casos de eventos, como palestras ou feiras, a praça tem a opção de funcionar aberta, interligando-se à Praça Sol Poente.

Na planta do primeiro pavimento ficam locados o setor administrativo e a outra parte do lazer, compreendido pelo mirante, que se estende dentro e fora do mercado. O bloco do setor administrativo é uma modulagem padrão, onde este segue exatamente o que foi projetado no andar debaixo, permitindo assim o crescimento destes setores caso seja necessário.

Imagem 11: Planta primeiro pavimento



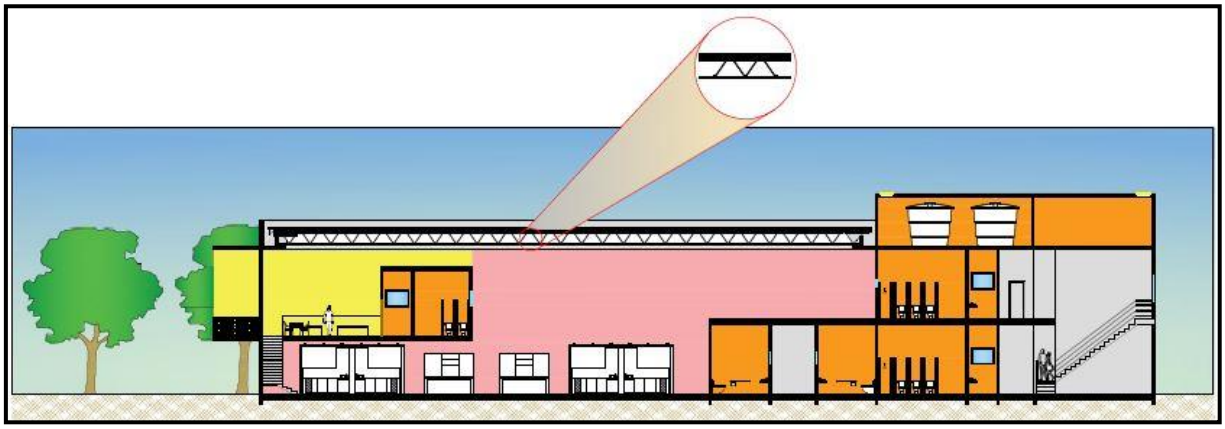
Fonte: Acervo Pessoal (2018)

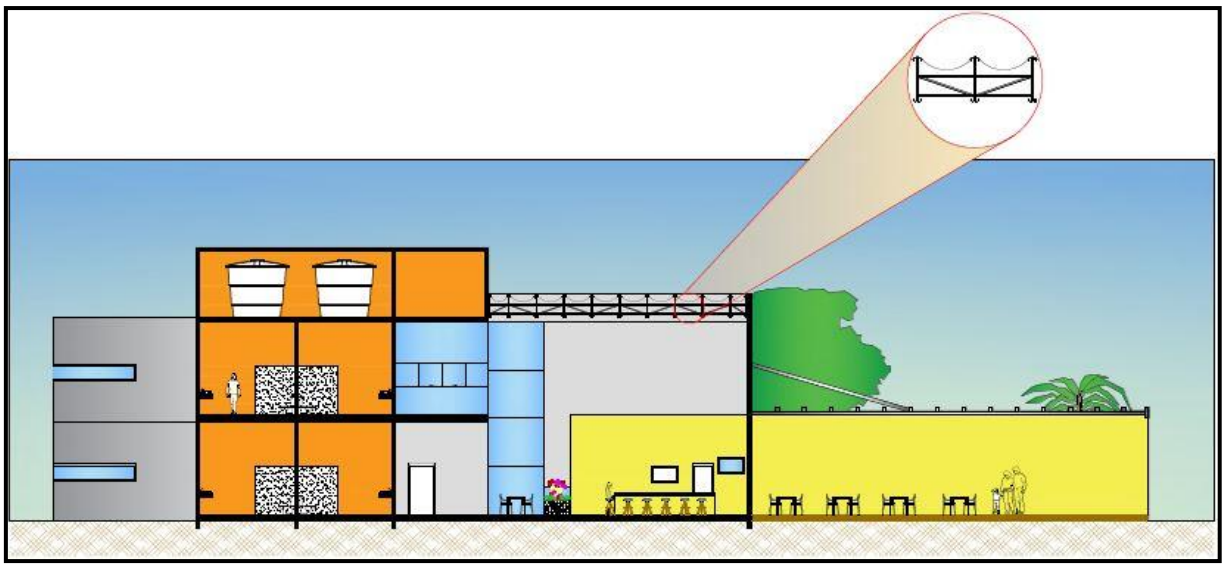
A ligação entre o térreo e este pavimento acontece através de escadas e também por uma esteira rolante. O mirante abrange áreas de vivência internas, como um café com locais para recreação, e também externas, como uma varanda em balanço que permite uma vista privilegiada do que acontece na praça.

Através dos cortes, é possível ver o gabarito da edificação e como foram pensadas as formas de proteção solar. No primeiro corte nota-se que a área de comércio, em sua maioria, conta com um pé direito duplo, este buscando melhor ventilação e iluminação nesta área. O detalhe da cobertura utilizada mostra que a proposta buscou trazer uma leveza para a estrutura, alternando as lajes de concreto e as coberturas metálicas.

Observam-se também, em amarelo, as áreas de interligação do mercado, onde estas tem contato imediato com a Praça Sol Poente, proporcionando assim uma interação entre o edifício e seu entorno.

Imagem 12: Cortes

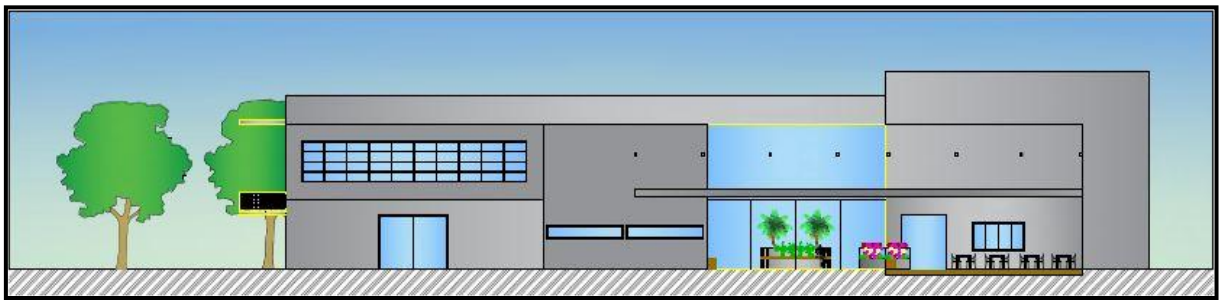




Fonte: Acervo Pessoal (2018)

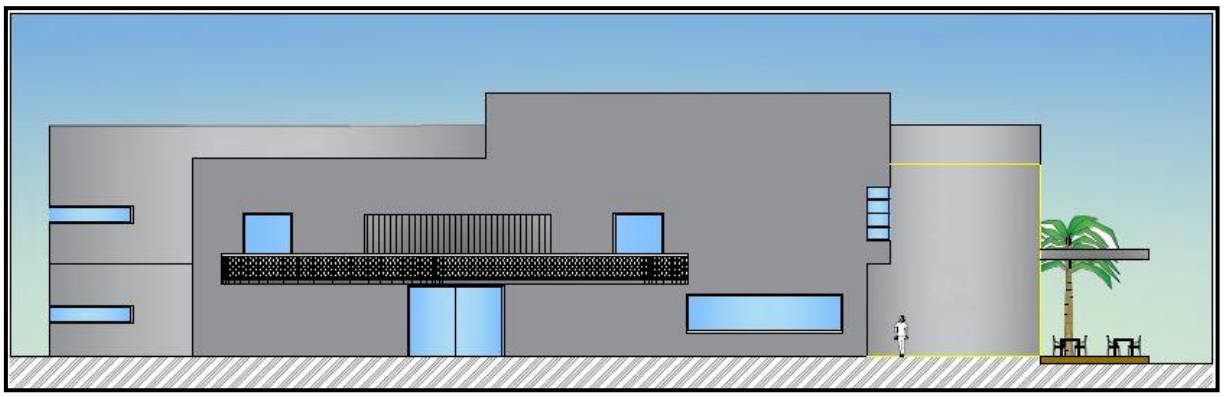
A seguir, observam-se as fachadas e suas composições. Na fachada sul foi utilizado elementos vazados metálicos, a abertura da praça interna para o exterior e também a interligação do restaurante com o entorno (imagem X). As paredes externas são duplas, buscando proteger o interior de insolações. O jogo de volumes entre os setores permite sombras ao redor do mercado na maioria do dia, trazendo um conforto ao seu redor. O pergolado metálico com vidro foi proposto para amenizar a insolação, buscando diminuir a incidência solar nas áreas da praça e do restaurante, além de contribuir esteticamente para a edificação. A fachada oeste também apostou em elementos vazados na parte superior, porém estes na vertical, visando não levar a irradiação solar diretamente sobre os boxes de comercialização (imagem X). Na parte inferior, utilizou-se de vidro fixo ao lado da escada de acesso ao mirante, buscando proporcionar uma vista da Praça Sol Poente enquanto as pessoas caminham até a parte superior.

Imagem 13: Fachada Sul



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 14: Fachada Oeste



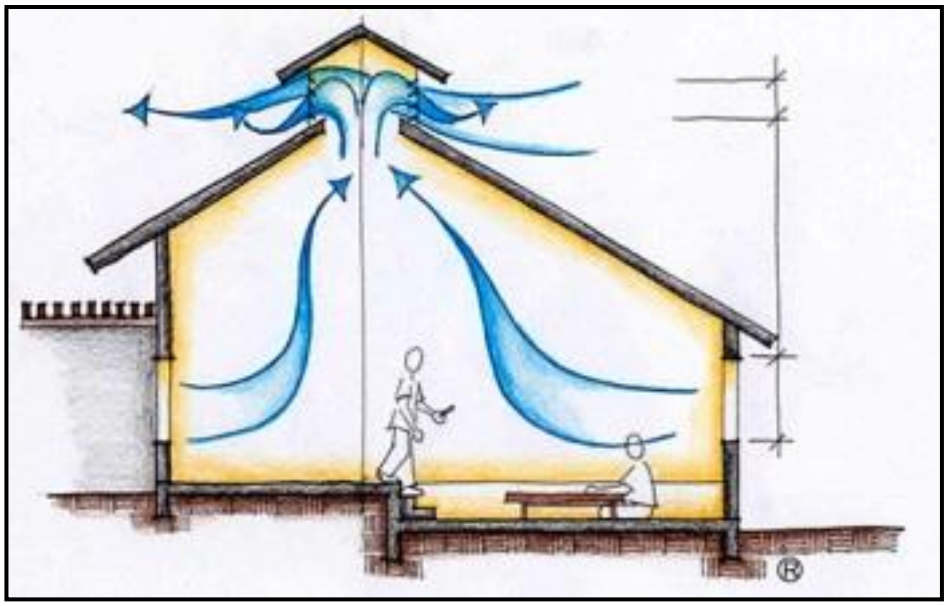
Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Nota-se também que a estrutura escolhida para a cobertura do mercado não fica aparente em suas fachadas, deixando assim os traços retos e trazendo assim uma leveza e modernidade para a volumetria. Os materiais utilizados na composição das fachadas foram o vidro, o metal e o concreto aparente, sendo estes materiais característicos do movimento moderno, trazendo assim um novo conceito de beleza para a cidade, além de que a forma cumpre suas funções propostas.

Buscando o conforto térmico, foram propostos elementos vazados, vegetações, varandas em mirantes e aberturas em vidro, além da Praça Sol Poente proteger a edificação com seu paisagismo de porte médio já existente.

Nas fachadas, foram projetados elementos vazados em sua parte superior para possibilitar a ventilação cruzada e exaustão natural de massas de ar quente e iluminação natural, como se observa no croqui representativo (figura X), para que o ar circule e não se forme uma massa de ar quente dentro da edificação. A praça interna também foi pensada nesta fachada para buscar através do paisagismo proposto, amenizar a incidência de calor dentro do mercado.

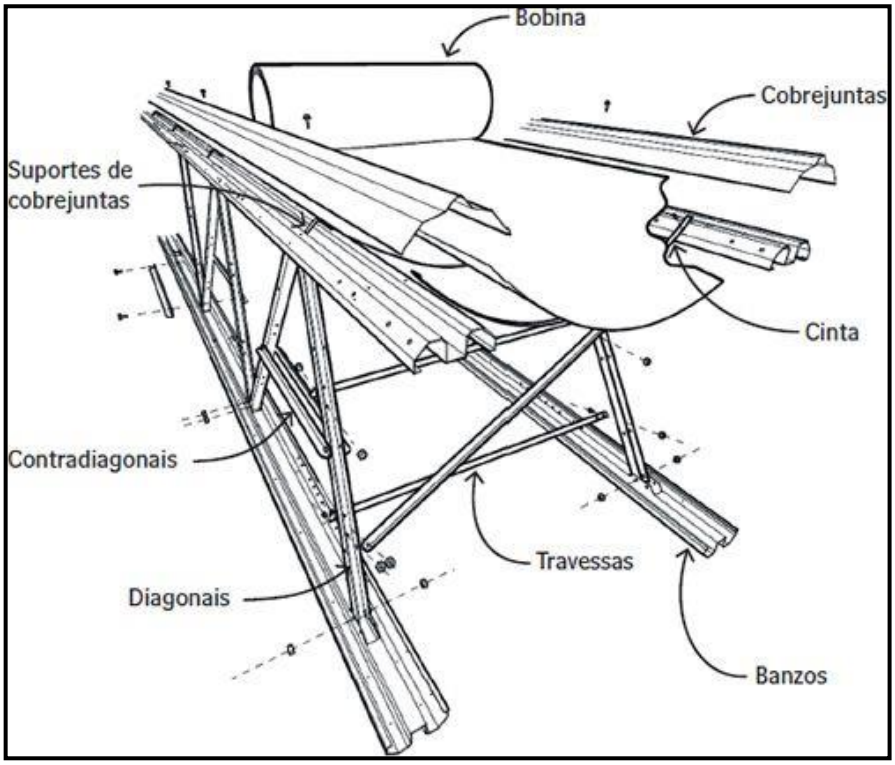
Figura 19: Croqui ventilação cruzada



Fonte: Projeteee, 2018. http://projeteee.mma.gov.br/implementacao/efeito-chamine/

O sistema de cobertura utilizado foi o roll-on, visto que este deixaria a estrutura mais leve. Segundo informações do fabricante, este sistema é composto de vigas metálicas cobertas com telhas de aço galvanizado, contando também com um isolante térmico denominado Isobland, sendo bastante indicado para coberturas de Shoppings Center, mercados e supermercados, entre outros. Nestes casos de indústrias de grande porte, a escolha do aço galvanizado permite uma vida útil maior para a estrutura. Além destes benefícios, os componentes do sistema roll-on são resistentes ao fogo, sendo assim auto extinguíveis.

Figura 20: Detalhe cobertura roll-on



Fonte: Téchne, 2012.

6.3 ESTUDO VOLUMÉTRICO

Imagem 15: Fachada principal (entardecer)

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 16: Vista externa restaurante

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 17: Fachada principal (manhã)

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

Imagem 19: Vista entrada principal

Fonte: Acervo Pessoal (2018)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível concluir através desta pesquisa que os mercados exercem um papel de suma importância desde seus primórdios, proporcionando não apenas um novo modelo de comercialização, mas agrega também valor cultural onde está inserido. Porém atualmente vem perdendo espaço para grandes empresas e conglomerados dos ramos de hipermercados, supermercados e hortifrutigranjeiros.

Para isto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e estudos a partir de revisões projetuais de mercados já consolidados, realizou-se levantamento e diagnósticos do local onde fora inserido o edifício, para que assim se obtivesse a proposta apresentada neste trabalho.

Sendo assim, diante deste cenário, foi proposto um Mercado Municipal para Colatina/ES, devido à necessidade de evolução do âmbito comercial local, visando também incorporar cultura e lazer para o município. Propôs-se sua inserção na Praça Sol Poente, no centro da cidade, proporcionando uma interação social entre os frequentadores da praça com os novos frequentadores do mercado. O local escolhido teve o propósito de dar novos usos à Praça Sol Poente, que hoje se encontra pouco utilizada e sem incentivos dos órgãos públicos.

Para que a ideia não conflitasse com o local de inserção, foram tomados alguns cuidados em relação ao projeto. Na praça, acontece aos finais de semana, a feira de artesanatos. Então, o mercado também oferece uma estrutura de bar e lanchonete coberta com pergolado, permitindo assim maior interação com os usuários do local. Em relação a estacionamentos, foram previstas vagas para automóveis no entorno da praça, além das que já existiam, pois não seria viável utilizar do espaço de uso das pessoas para guardar carros dentro da praça, proporcionando assim uma valorização para a Praça Sol Poente. O projeto foi idealizado tendo como uma das diretrizes atender as normativas vigentes. Apesar de ser um estudo preliminar, preocupou-se em abordar estas normas para criação do projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGÁFICAS

AMORIM, Diego Felipe Borges de (2015). **Um pouco de história sobre o mercado varejista.** Base de dados. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/academico/um-pouco-de-historia-sobre-o-mercado-varejista/91238/> Acesso em março de 2018.

CHAVES, Celma (2013). **O mercado público em Belém: arquitetura e inserção urbanística.** Disponível em: < http://www.labcom.fau.usp.br/wp-content/uploads/2015/05/4_cincci/028-chaves.pdf>. Acesso em maio de 2018.

COSTA, José Eduardo da (2006). **Mercado Central de Belo Horizonte: A convivência entre iguais e diferentes.** Programa de pós-graduação em ciências sociais. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

FERREIRA, Lucie (2016). **A história e a arquitetura do mercado municipal paulistano.** Base de dados. Disponível em: <https://blogdaarquitetura.com/a-historia-e-a-arquitetura-do-mercado-municipal-paulistano/>. Acesso em maio de 2018

GALERIA DA ARQUITETURA, 2016. Base de dados. Disponível em: <https://www.galeriadaarquitetura.com.br/slideshow/newslideshow.aspx?idproject=585&index=1>. Acesso em março de 2018.

GARREFA, Fernando (2002). **Arquitetura do comércio varejista em Ribeirão Preto: a emergência e a expansão dos shopping centers.** Dissertação de Mestrado. São Carlos, EESC-USP.

HERCULANO, Felipe A. (2013). **Mercadão**. Base de dados. Disponível em: <https://sampahistorica.wordpress.com/2013/11/20/mercado/>. Acesso em março de 2018.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Base de dados. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/58/revitalizacao>. Acesso em 15 de abril de 2018.

JUNTOS A BORDO, 2016. **A magia das feiras de Florianópolis.** Base de dados. Disponível em: <http://www.juntosabordo.com.br/viagens-e-lazer/a-magia-das-feiras-de-florianopolis/#>. Acesso em março de 2018.

MARCULINO, Eduardo (2010). **Evolução urbana do Rio de Janeiro.** Base de dados. Disponível em: <http://historianovest.blogspot.com.br/2010/10/evolucao-urbana-do-rio-de-janeiro-1816.html>. Acesso em março de 2018.

MERCADO CENTRAL, 2018. **Mercado Central 86 anos**. Base de dados. Disponível em: <http://mercadocentral.com.br/mercado-central-86-anos/>. Acesso em março de 2018.

MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS. Base de Dados. Disponível em: <http://www.mercadopublicofloripa.com.br/mapa/>. Acesso em maio de 2018.

MURILHA, Douglas; SALGADO, Ivone**. A arquitetura dos mercados públicos: tipos, modelos e referências projetuais.** Arquitextos, São Paulo, 12.138, Vitruvius, novembro de 2011, Disponível em: < http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.138/4113> Acesso em maio de 2018.

NUNES, Paulo (2006). **Mercado.** Base de dados. Disponível em: <http://knoow.net/cienceconempr/gestao/mercado/>. Acesso em março de 2018.

ORTIGOZA, Silvia Aparecida Guamiere; CORTEZ, Ana Tereza C. **Da produção ao consumo: impactos socioambientais no espaço urbano.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

PINTAUDI, Silvana Maria; **Os Mercados Públicos: Metamorfoses De Um Espaço Na História Urbana.** São Paulo: Contexto, 2006.

PREFEITURA MUNICIPAL DE COLATINA. Base de Dados. Disponível em: <http://www.colatina.es.gov.br > Acesso em março de 2018.

RÊGO, Nicéia de Jesus Ferreira; Marcos Clair Bovo; Ricardo Luiz Tows; (colaboradores). **SEURB – II Simpósio de Estudos Urbanos: A dinâmica das cidades e a produção do espaço.** Editora Kromoset, 2013.

ROIM, Talita Prado Barbosa. **As relações socioculturais no Mercado Municipal de São Paulo - produção de tradições na formação e no reconhecimento de grupos culturais a partir da alimentação** / Talita Prado Barbosa Roim. – Marília, 2016.

SILVA, Leisa Robles Borba da. **A dinâmica do Mercado Municipal inserida no processo de modernização em Três Lagoas nos anos de 1960.** (Dissertação de mestrado em Geografia), 2008. Dourados , UFGD, 2008.

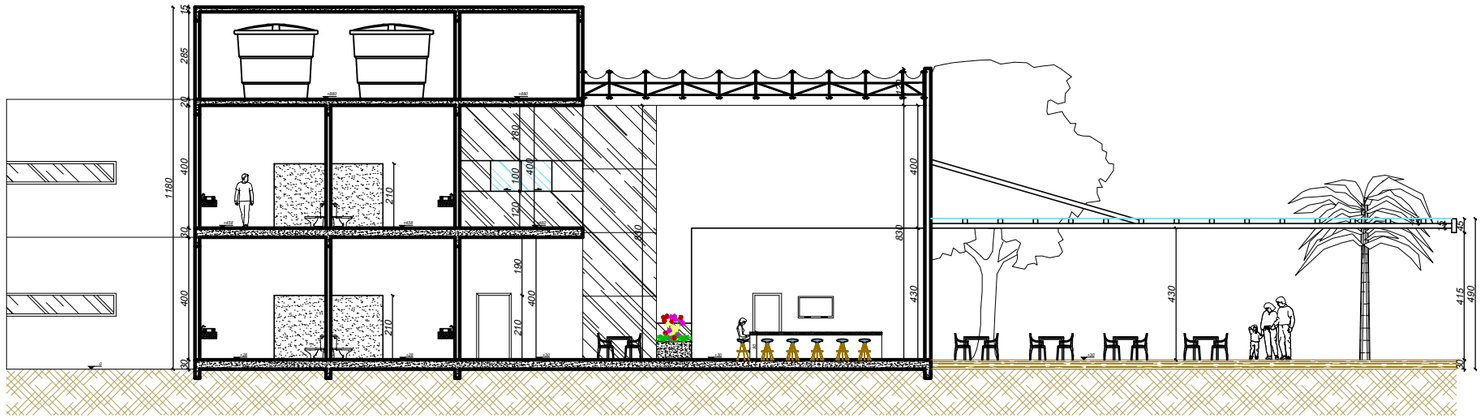
SILVA, Luise Martins da. **Espaço público e cidadania: usos e manifestações urbanas** / Luise Martins da Silva. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2009. 168 f.: il.; 30 cm.

TÉCHNE, 2018. **Sistema de cobertura metálica roll on**. Base de dados. Disponível em: <http://techne17.pini.com.br/engenharia-civil/189/sistema-de-cobertura-metalica-roll-on-288010-1.aspx>. Acesso em novembro de 2018.

VEJA. Base de dados. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br/materia/cidade/conheca-melhores-segredos-compras-feira-hippie-belo-horizonte>. Acesso em março de 2018.

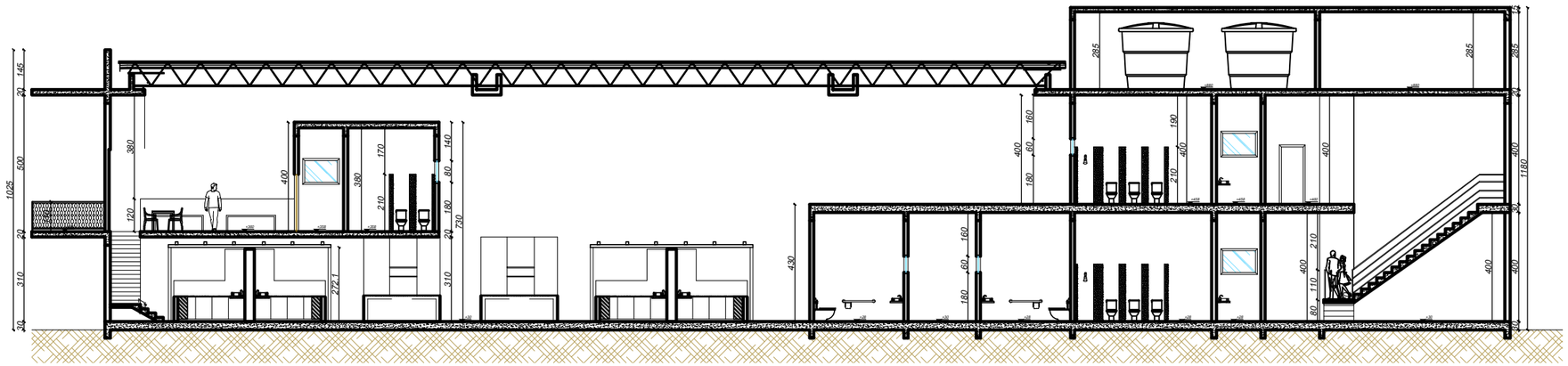
YAMAMOTTO, André R. P. I. (2008). **Reconstruindo o Mercado Público de Florianópolis.** Artigo científico. Universidade Federal de Santa Catarina.

APÊNDICE



CORTE BB

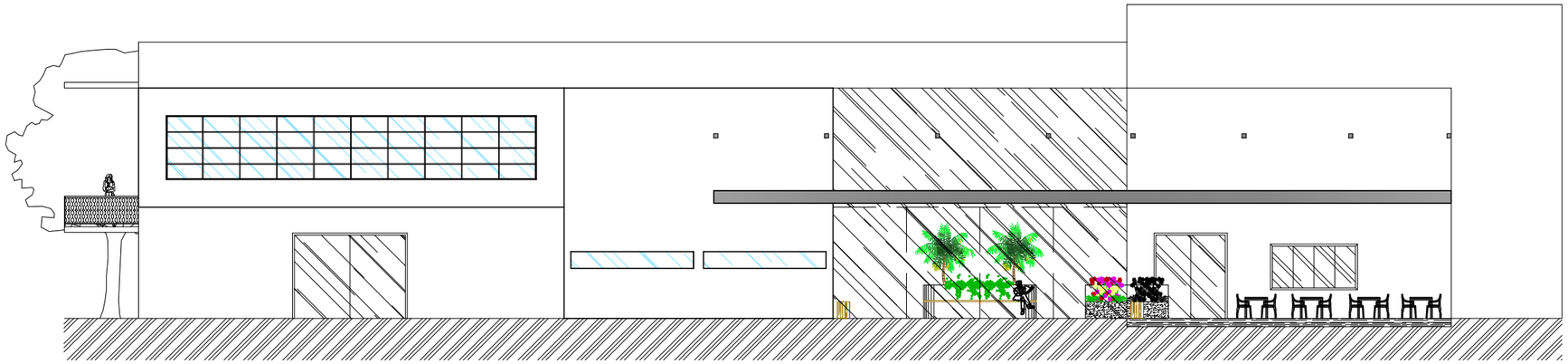
ESC. 1/200



CORTE AA

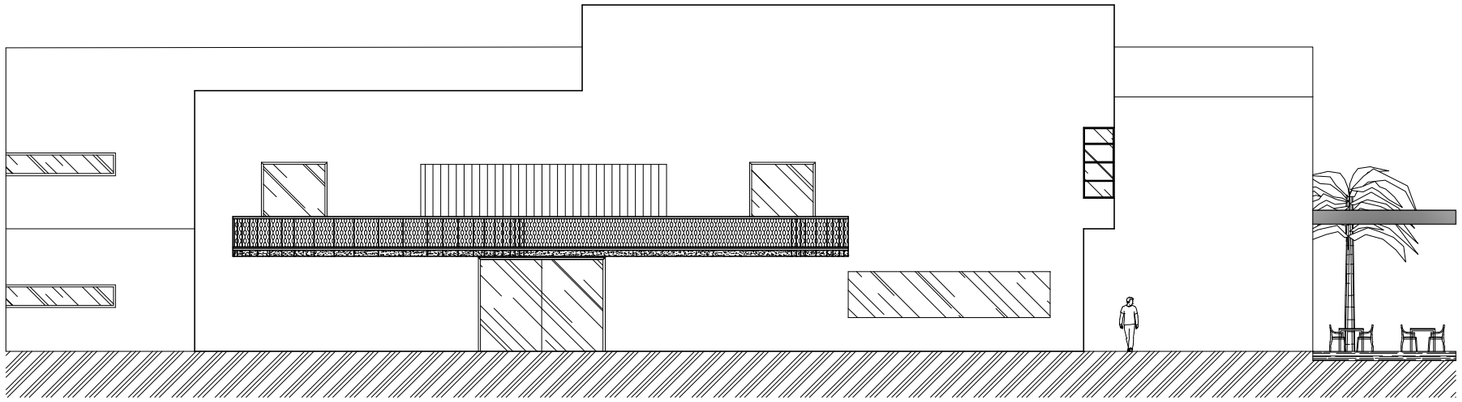
ESC. 1/200

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/200
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: CORTES
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 06/14



FACHADA PRINCIPAL

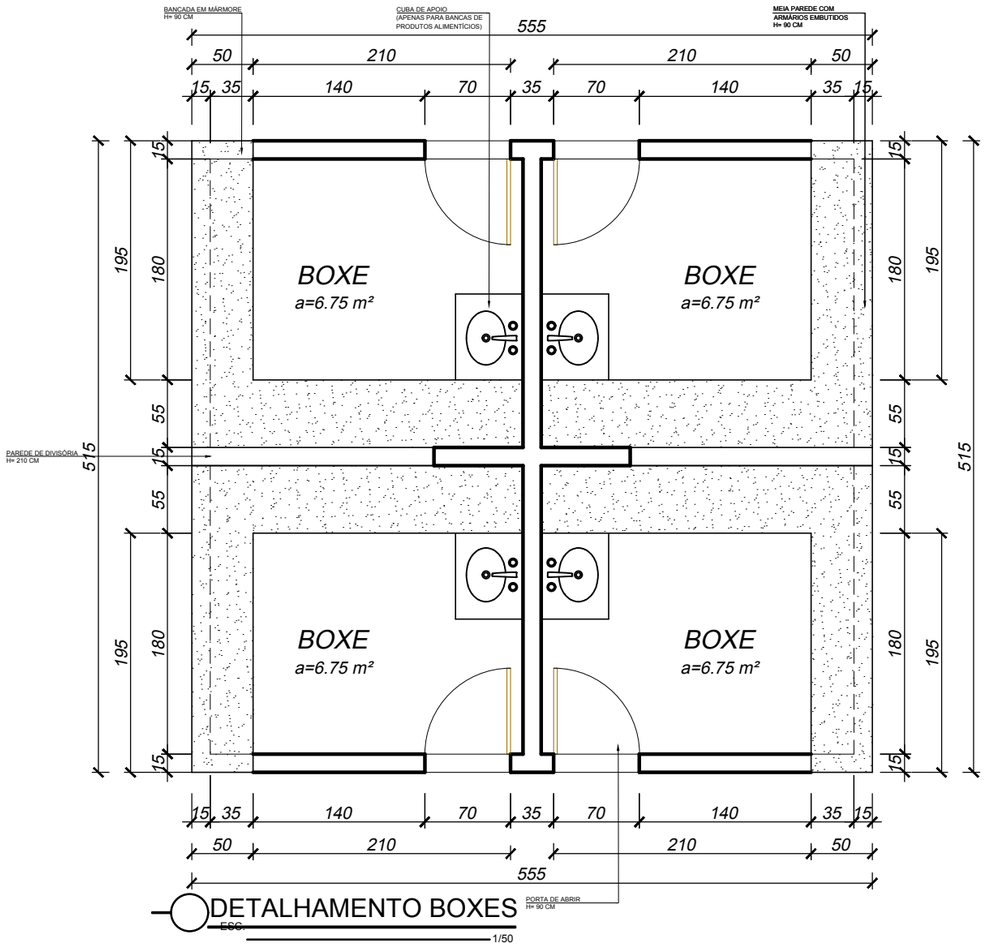
ESC. 1/200



FACHADA LATERAL ESQUERDA

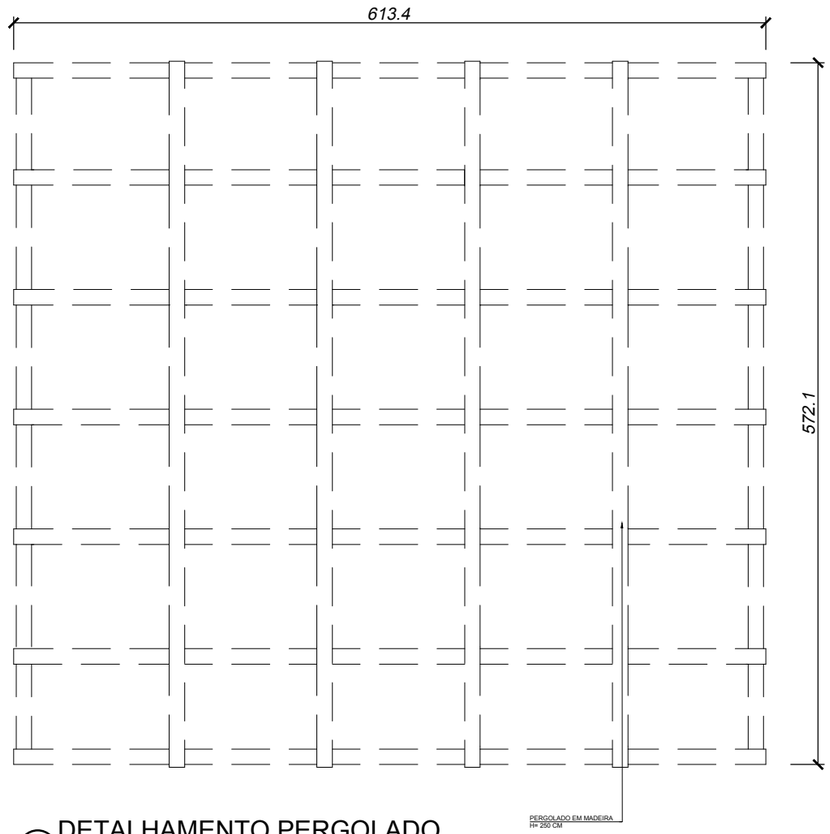
ESC. 1/200

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/200
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: FACHADAS
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 07/14



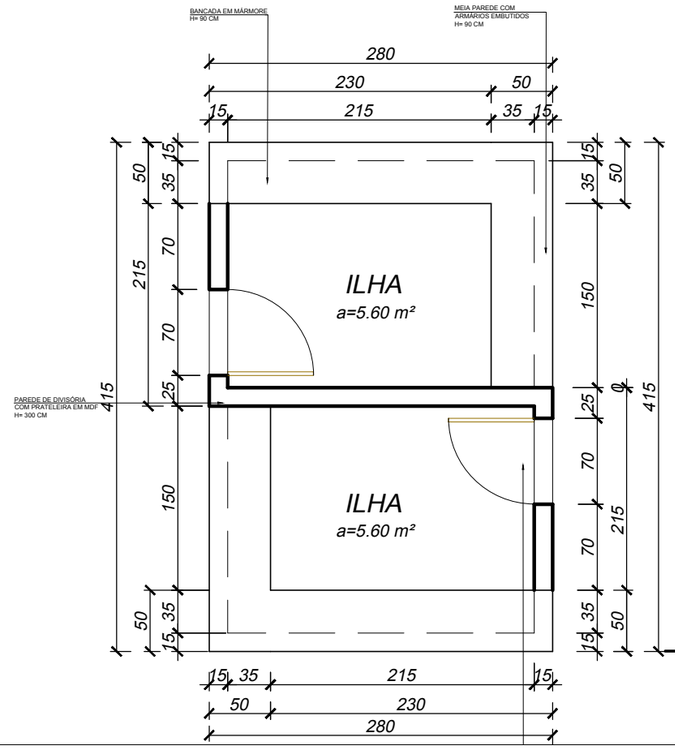
DETALHAMENTO BOXES

ESC. 1/50



DETALHAMENTO PERGOLADO

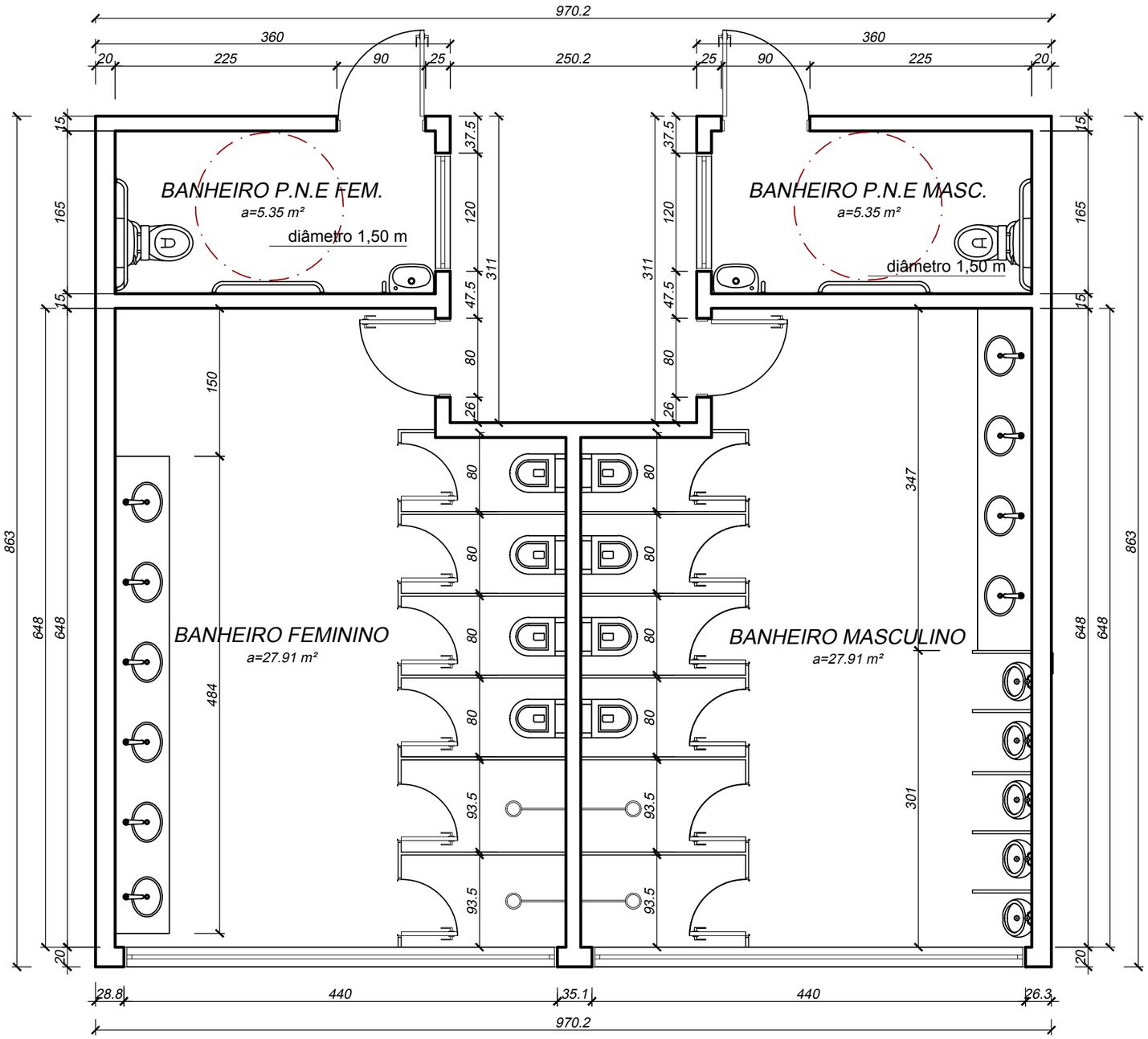
ESC. 1/50



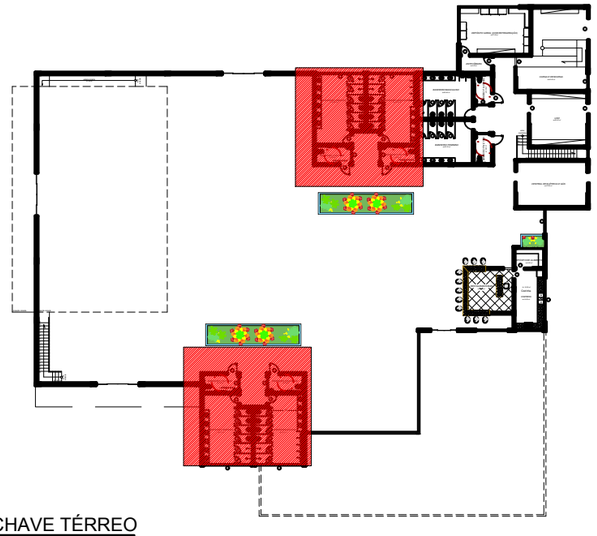
DETALHAMENTO ILHA

ESC. 1/50

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/50
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 08/14

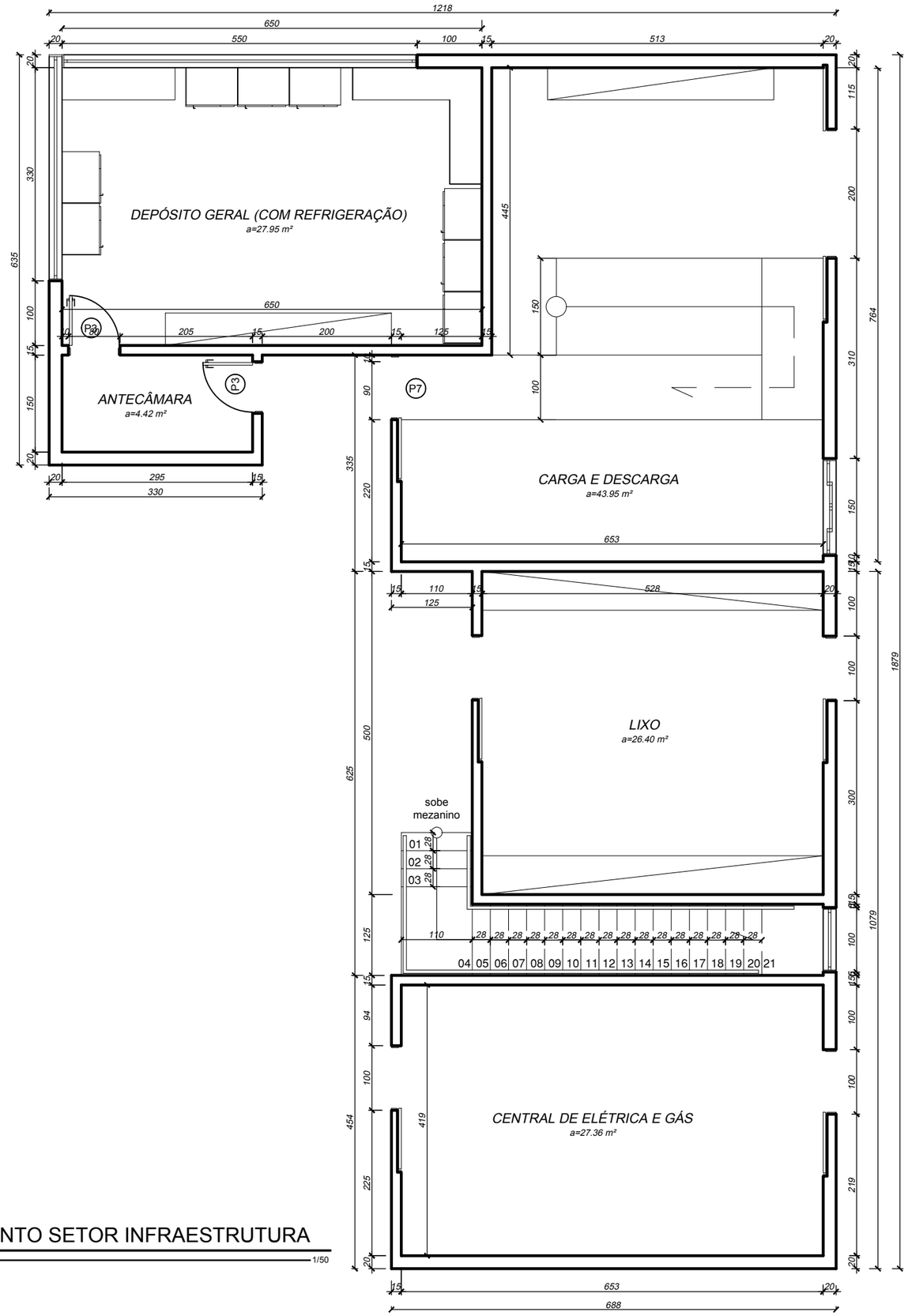


DETALHAMENTO SANITÁRIOS PÚBLICOS
ESC. 1/50



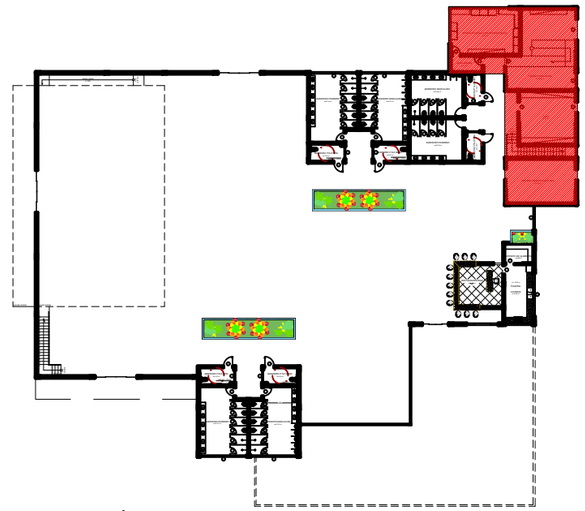
PLANTA-CHAVE TÉRREO
SEM ESCALA

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/50
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 09/14



DETALHAMENTO SETOR INFRAESTRUTURA

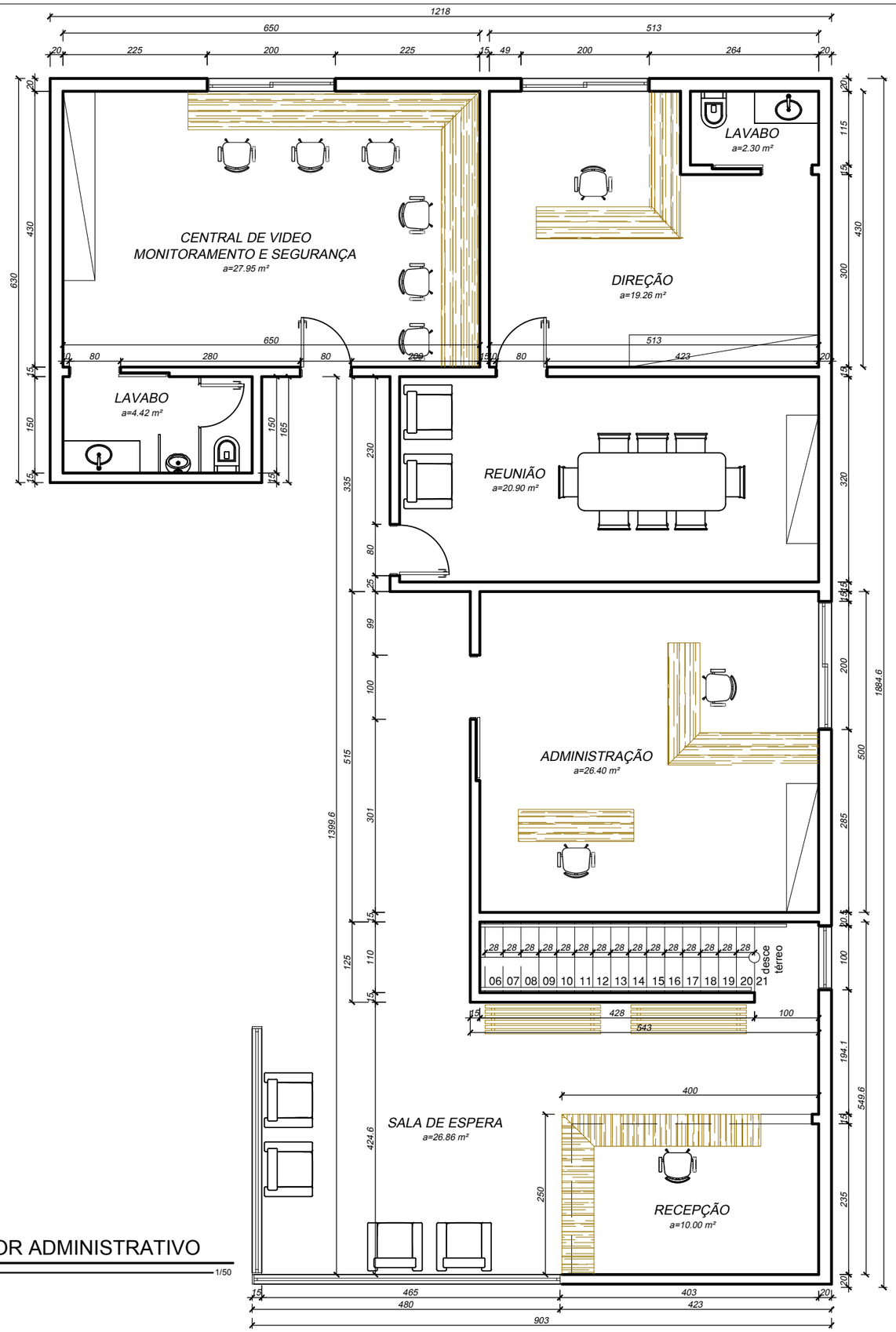
ESC. 1/50



PLANTA-CHAVE TÉRREO

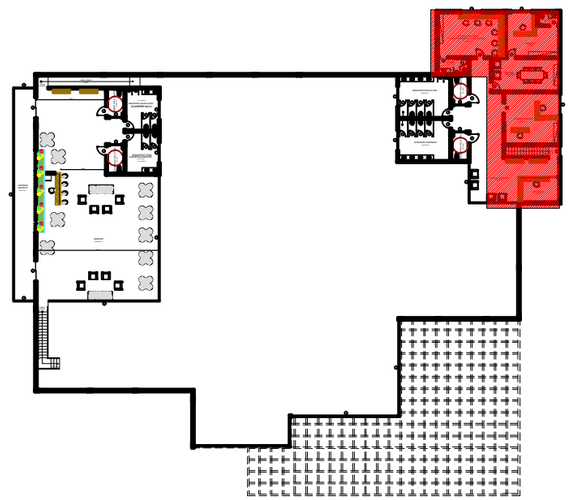
SEM ESCALA

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/75
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 11/14



DETALHAMENTO SETOR ADMINISTRATIVO

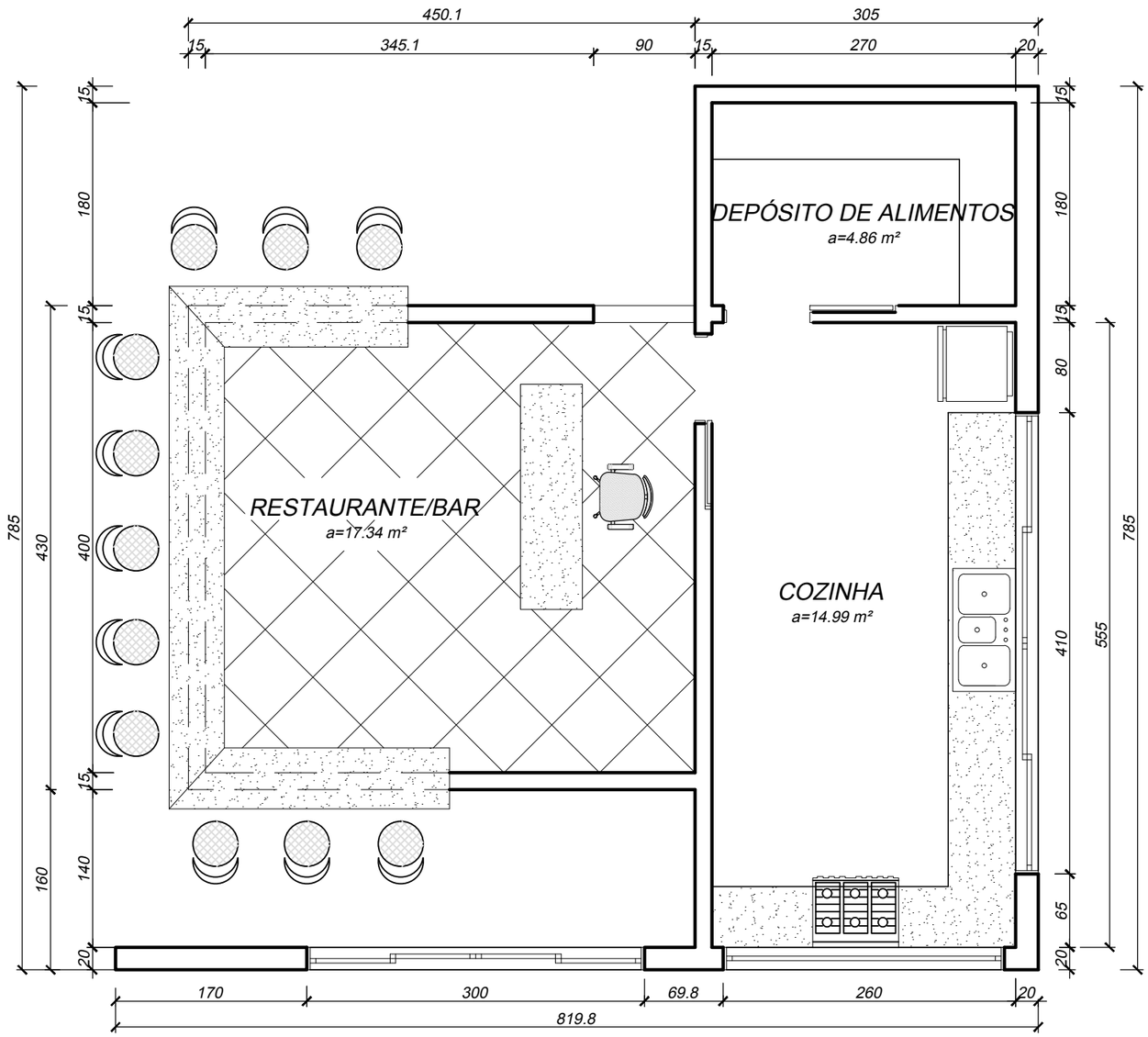
ESC. 1/50



PLANTA-CHAVE PRIMEIRO PAVIMENTO

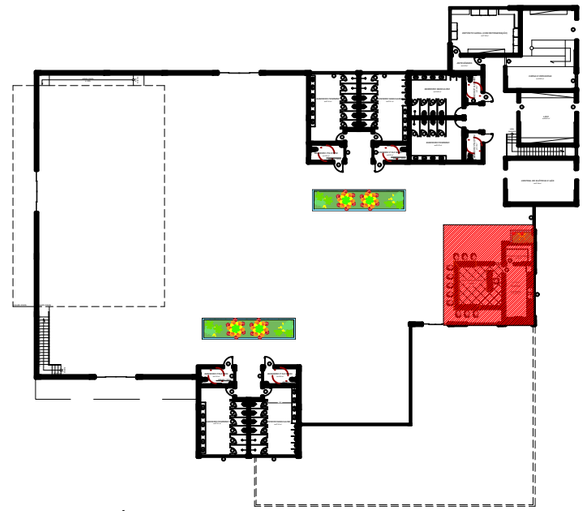
SEM ESCALA

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/75
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 12/14



DETALHAMENTO RESTAURANTE/BAR

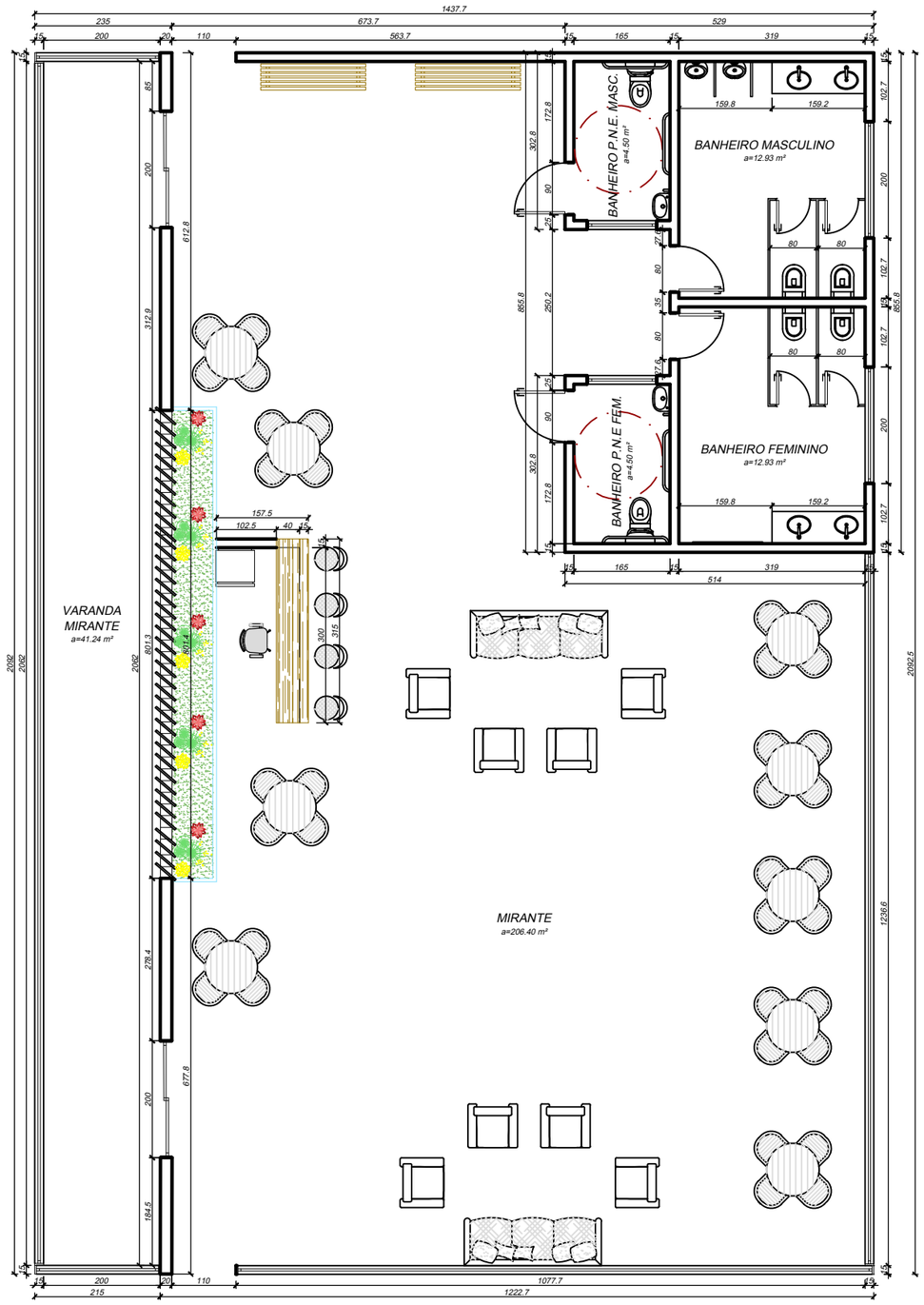
ESC. 1/50



PLANTA-CHAVE TÉRREO

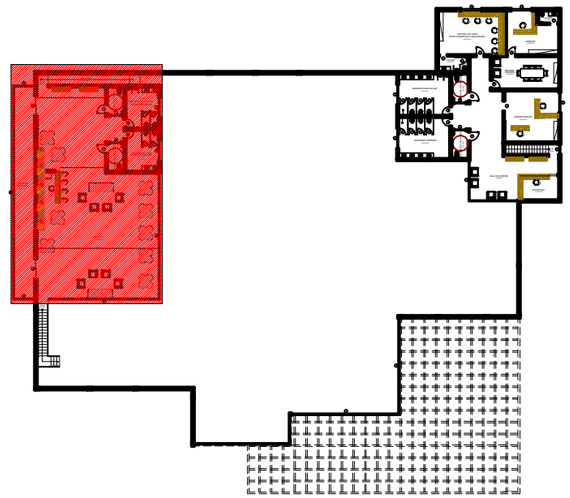
SEM ESCALA

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/50
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 13/14



DETALHAMENTO MIRANTE

ESC. 1/50

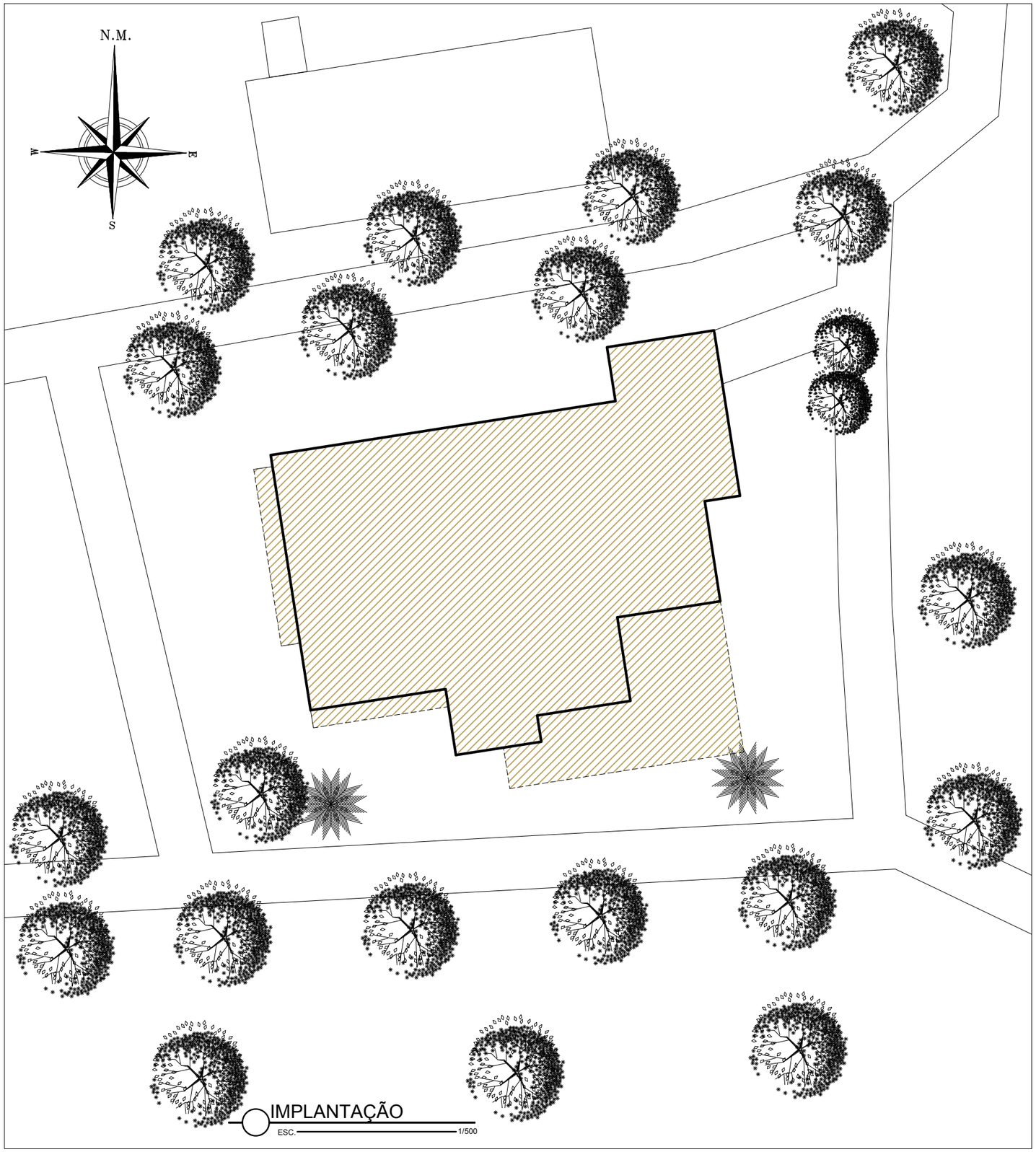


PLANTA-CHAVE PRIMEIRO PAVIMENTO

SEM ESCALA

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/100
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: AMPLIAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 14/14

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/1000
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: SITUAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 01/14



ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/500
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: IMPLANTAÇÃO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 02/14

PLANTA BAIXA TÉRREO

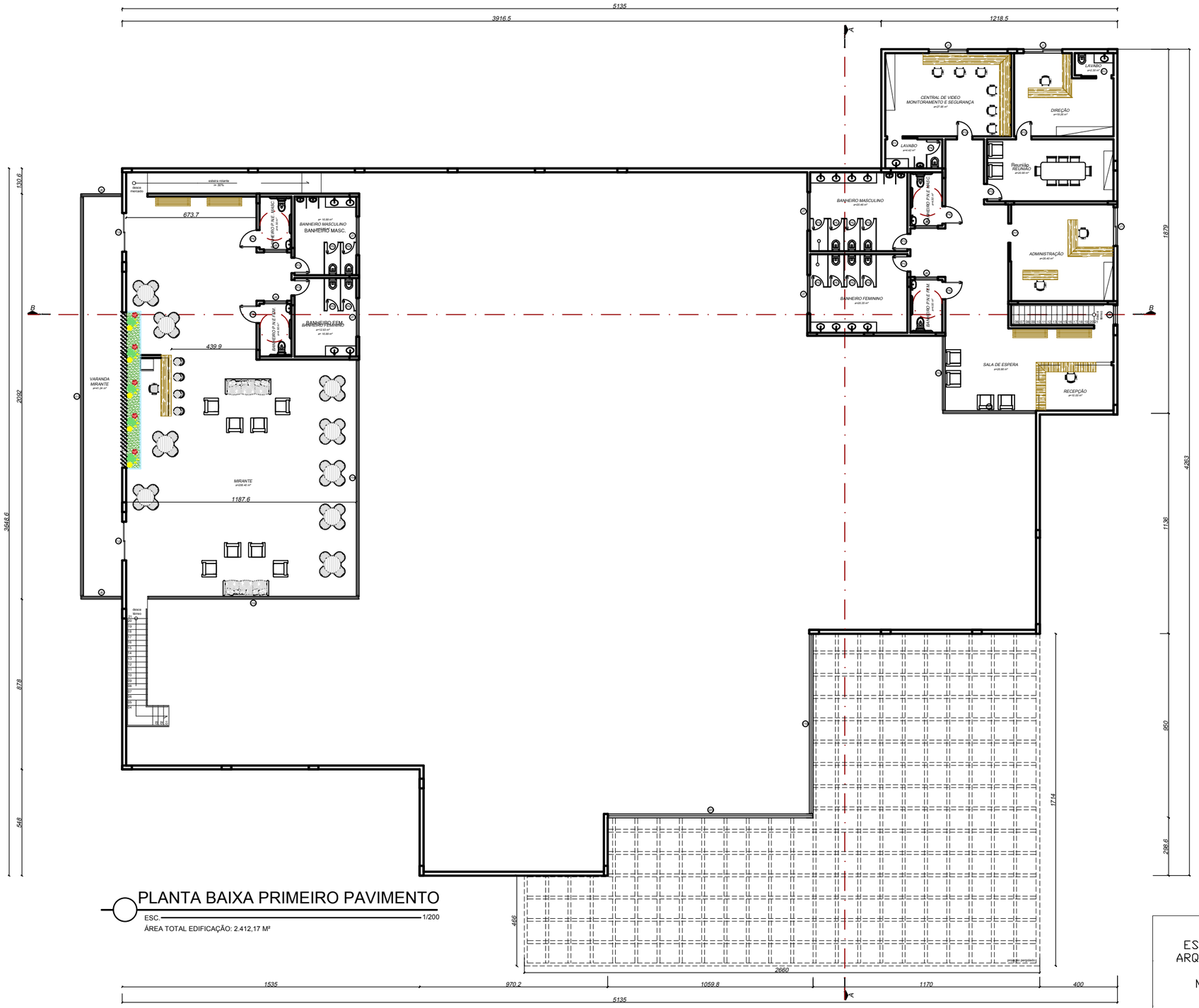
ESC. 1/200

ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO: 2.412,17 M²

TABELA DE ESQUADRIAS

COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PARAPEITO	MATERIAL	QTD
J1	Janela de correr 2 folhas	200	150	110	Alumínio e Vidro	3
J2	Janela basculante	550	60	180	Alumínio e Vidro	1
J3	Janela basculante	350	60	180	Alumínio e Vidro	1
J4	Janela basculante	440	60	180	Alumínio e Vidro	4
J5	Janela de correr 4 folhas	150	150	110	Alumínio e Vidro	1
J6	Vidro fixo	215	120	-	Alumínio e Vidro	2
J7	Janela basculante	200	60	180	Alumínio e Vidro	4
J8	Janela basculante	120	60	180	Alumínio e Vidro	10
J9	Janela basculante	100	60	180	Alumínio e Vidro	2
J10	Vidro fixo	386.6	120	-	Alumínio e Vidro	1
J11	Vidro fixo	2062	120	-	Alumínio e Vidro	1
J12	Vidro fixo	483	120	-	Alumínio e Vidro	1
J13	Vidro fixo	236	120	-	Vidro	1
J14	Vidro fixo	1221.6	120	-	Alumínio e Vidro	1
J15	Janela de correr 4 folhas	410	150	110	Alumínio e Vidro	1
J16	Vidro fixo	1092.4	120	-	Alumínio e Vidro	1
J17	Vidro fixo	250	120	-	Alumínio e Vidro	1
J18	Janela de correr 4 folhas	300	150	110	Alumínio e Vidro	1
J19	Vidro fixo	930	120	-	Alumínio e Vidro	2
J20	Vidro fixo	1059	120	-	Alumínio e Vidro	2
P1	Porta de correr	80	210	-	Alumínio	4
P2	Porta de correr 2 folhas	200	210	-	Alumínio	1
P3	Porta de abrir	80	210	-	Alumínio	15
P4	Porta de abrir	70	210	-	Alumínio	1
P5	Porta de abrir	60	210	-	Alumínio	53
P6	Porta de abrir	90	210	-	Alumínio	10
P7	Porta de correr	100	210	-	Alumínio	6
PJ1	Porta-janela 4 folhas	400	300	-	Alumínio e Vidro	3
PJ2	Porta-janela 2 folhas	200	300	-	Alumínio e Vidro	2
PJ3	Porta-janela 4 folhas	250	300	-	Alumínio e Vidro	1

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/200
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: PL. BAIXA TÉRREO
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 03/14



PLANTA BAIXA PRIMEIRO PAVIMENTO

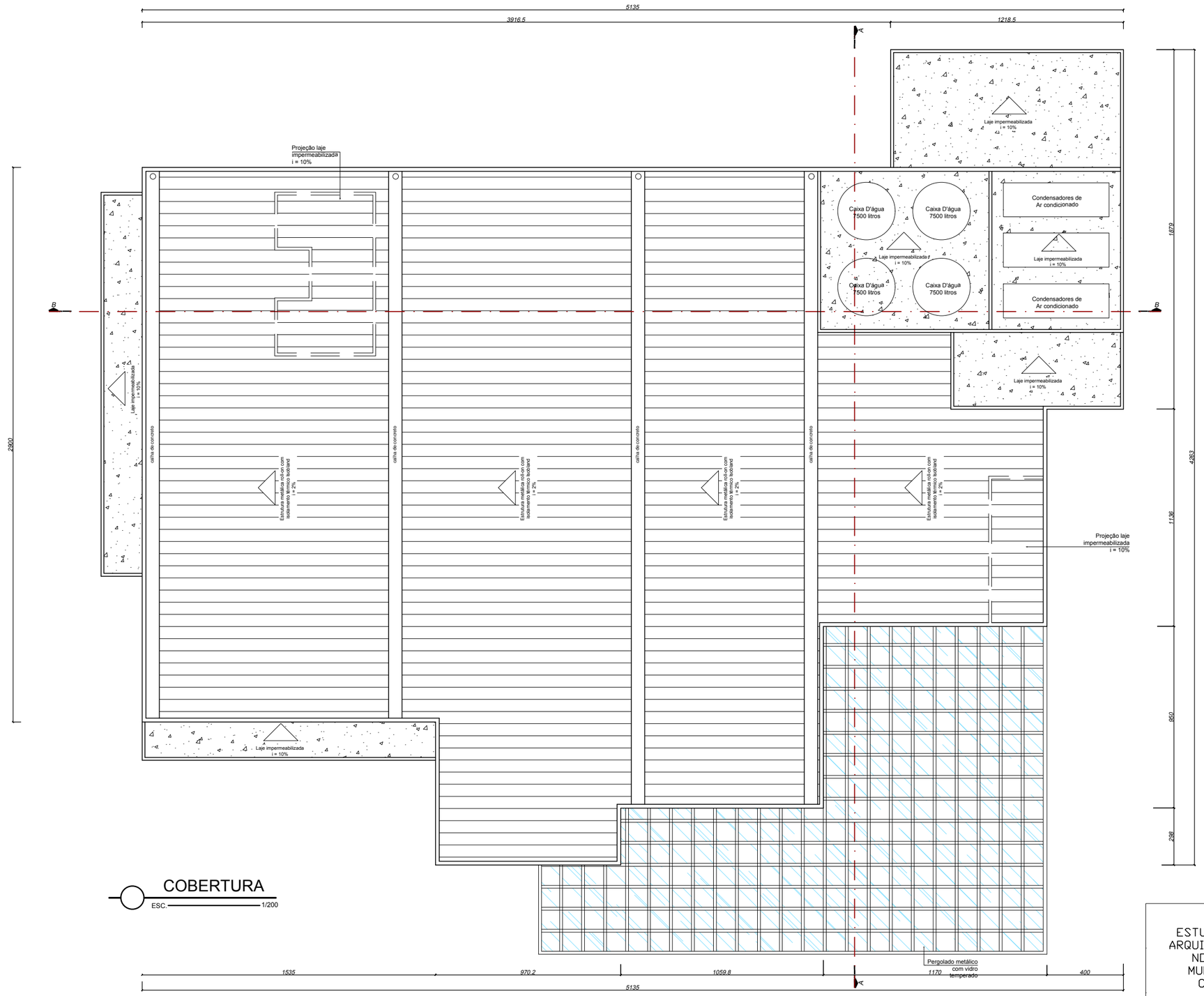
ESC. 1/200

ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO: 2.412,17 M²

TABELA DE ESQUADRIAS

COD	TIPO	LARGURA	ALTURA	PARAPEITO	MATERIAL	QTD
J1	Janela de correr 2 folhas	200	150	110	Alumínio e Vidro	3
J2	Janela basculante	550	60	180	Alumínio e Vidro	1
J3	Janela basculante	350	60	180	Alumínio e Vidro	1
J4	Janela basculante	440	60	180	Alumínio e Vidro	4
J5	Janela de correr 4 folhas	150	150	110	Alumínio e Vidro	1
J6	Vidro fixo	215	120	-	Alumínio e Vidro	2
J7	Janela basculante	200	60	180	Alumínio e Vidro	4
J8	Janela basculante	120	60	180	Alumínio e Vidro	10
J9	Janela basculante	100	60	180	Alumínio e Vidro	2
J10	Vidro fixo	386.6	120	-	Alumínio e Vidro	1
J11	Vidro fixo	2062	120	-	Alumínio e Vidro	1
J12	Vidro fixo	483	120	-	Alumínio e Vidro	1
J13	Vidro fixo	236	120	-	Vidro	1
J14	Vidro fixo	1221.6	120	-	Alumínio e Vidro	1
J15	Janela de correr 4 folhas	410	150	110	Alumínio e Vidro	1
J16	Vidro fixo	1092.4	120	-	Alumínio e Vidro	1
J17	Vidro fixo	250	120	-	Alumínio e Vidro	1
J18	Janela de correr 4 folhas	300	150	110	Alumínio e Vidro	1
J19	Vidro fixo	930	120	-	Alumínio e Vidro	2
J20	Vidro fixo	1059	120	-	Alumínio e Vidro	2
P1	Porta de correr	80	210	-	Alumínio	4
P2	Porta de correr 2 folhas	200	210	-	Alumínio	1
P3	Porta de abrir	80	210	-	Alumínio	15
P4	Porta de abrir	70	210	-	Alumínio	1
P5	Porta de abrir	60	210	-	Alumínio	53
P6	Porta de abrir	90	210	-	Alumínio	10
P7	Porta de correr	100	210	-	Alumínio	6
PJ1	Porta-janela 4 folhas	400	300	-	Alumínio e Vidro	3
PJ2	Porta-janela 2 folhas	200	300	-	Alumínio e Vidro	2
PJ3	Porta-janela 4 folhas	250	300	-	Alumínio e Vidro	1

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/200
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: PL. BAIXA 1º PAV.
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 04/14



COBERTURA

ESC. 1/200

ESTUDO PRELIMINAR ARQUITETÔNICO DE UM NOVO MERCADO MUNICIPAL PARA COLATINA/ES "MERCADO SOL POENTE"	FAACZ FACULDADES INTEGRADAS DE ARACRUZ	ESCALA: 1/200
	AUTORIA DE PROJETO: LARA STEIN POLEZ	CONTEÚDO: COBERTURA
	PROFESSOR ORIENTADOR: KAMILLA ZAMBORLINI	PRANCHA: 05/14